

Revista
guará
Pró Reitoria de Extensão - UFES

OUTUBRO 2015
ANO III - Nº IV
SUPLEMENTO

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Reinaldo Centoducatte

Reitor

Ethel Leonor Noia Maciel

Vice-Reitora

Maria Auxiliadora De Carvalho Corassa

Pró-Reitora de Graduação

Neyval Costa Reis Junior

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Angelica Espinosa Barbosa Miranda

Pró-Reitora de Extensão

Eustaquio Vinicius Ribeiro De Castro

Pró-Reitor de Administração

Anilton Salles Garcia

Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento Institucional

Maria Lucia Casate

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas e
Assistencia Estudantil

Alexsandro Rodrigues

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania

Conselho editorial

Adriana Madeira Alvares da Silva (UFES)
Brunela Vincenzi (UFES)
Donato de Oliveira (UFES)
Fernando Vicentini (UFES)
Gloria C. Aguilar Barreto (Universidade
Nacional Caaguazú)
Ivan Robert Enriquez Guzman (UFES)

Revista Guará

Publicação Semestral da Universidade
Federal do Espírito Santo
Ano III - nº 4 - Outubro de 2015

Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Editor Responsável

João Frederico Meyer (UNICAMP)

Maira Pêgo de Aguiar (UFES)

Maurice Barcellos da Costa (UFES)

Paula Cristina da Costa Silva (UFES)

Pedro Florêncio da Cunha Fortes (UFES)

Regina Lúcia Monteiro Henriques (UERJ)

Renato Tannure Rotta de Almeida (IFES)

Tânia Mara Z. G. Frizzera Delboni (UFES)

Conselho técnico científico

Aissa A. Guimarães (UFES)

Antonio Celso Ribeiro (UFES)

Aparecido José Cirilo (UFES)

David Ruiz Torres (UFES)

Darcy Alcantara Neto (UFES)

Ernesto Hartmann (UFES)

Fábio Goveia (UFES)

Gabriela Santos Alves (UFES)

José Otavio Lobo Name (UFES)

Mirna Azevedo (UFES)

Rafael Paes Henriques (UFES)

Assistente editorial

Paola Pinheiro Bernardi Primo

Equipe técnica

Claudia Rangel

Farley Souza

Thais Melotti

Revisão

Vera Lúcia Santa Clara

Ilustrações

Imagens da Artista Plástica Fabiane Salume

Editoração

Farley Souza

Thais Melotti

Pró-Reitoria de Extensão

Editora

Tiragem: 500 exemplares

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Espírito Santo

Pró-Reitoria de Extensão

Av. Fernando Ferrari nº 514

PROJETO ACERVO DE ARTE SACRA DO ESPIRITO SANTO

Gilca Flores de Medeiros (2012, p. 79), em O Acervo de Pinturas do Palácio Anchieta: História e Restauração, diz que

A preservação de acervos culturais envolve dois importante aspectos: conservação e memória. Conservação e restauração da materialidade dos bens culturais, mas também a manutenção de elementos memoriais, [...]

Este projeto objetiva dar continuidade ao processo de conservação e restauração do acervo de Arte Sacra do Espírito Santo, importante não somente pelo seu valor enquanto objeto devocional mas também artístico, histórico e cultural, como ainda conhecer a tecnologia construtiva das esculturas policromadas em madeira e terracota; apreender conhecimentos específicos da área de conservação e restauração.

O trabalho visa contribuir com a conservação e a restauração do acervo de imaginária sacra do estado do Espírito Santo, formado com imagens provenientes dos seus vários períodos históricos: uma quinhentista - a imagem de Nossa Senhora da Penha, do convento franciscano de Vila Velha; as imagens do período colonial proveniente das igrejas jesuíticas espalhadas pelo litoral e das igrejas da Vila de Nossa Senhora da Vitória, como também das imagens do século XIX e XX, originárias das igrejas espalhadas pelo interior do estado, advindas do processo de imigração, em especial a italiana e austríaca.

A modernização da Vila de Nossa Senhora da Vitória, ocorrida a partir do primeiro quartel do século XX, impôs mudanças significativas no patrimônio edificado, levando a demolição de várias igrejas e suas imagens realocadas no desenho iconográfico de outras igrejas, retomando seu contato com a comunidade por meio das práticas litúrgicas.

As imagens que não tiveram essa sorte foram amealhadas e formaram o Museu de Arte Religiosa, instalado na capela de Santa Luzia, no centro de Vitória, funcionando de 1945 a 1966, tendo o acervo ampliado com doações de particulares, constando de 212 imagens com dimensões, faturas e técnicas construtivas diferen-

Coordenador: Prof. Attilio Colnago Filho
Estagiário: Gina Karla Stoffle Trancoso
Estagiários voluntários: Marcela Dantas de Souza, Karini de Souza Miranda.

ciadas, compreendendo obras que remontam o século XVIII ao XX.

Com o fechamento deste museu pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, este acervo foi transferido para o Museu Solar Monjardim em Jucutuquara, estando desde 2008 sob a guarda do Instituto Brasileiro de Museus/IBRAM, formando a Coleção de Arte Sacra.

As imagens espalhadas pelo interior do estado, em sua maioria de grandes dimensões e boa fatura técnica, por certo foram trazidas de outras regiões produtoras do Brasil, como Bahia e Minas Gerais como também importadas de outros países. A falta de documentação impossibilita a comprovação de suas origens e autoria, ficando somente as atribuições por meio dos relatos verbais dos membros mais antigos das comunidades religiosas.

Os trabalhos realizados nestes acervos possibilitam o encontro dos alunos envolvidos com as instâncias do ensino, da pesquisa e da extensão com o aprofundamento de conhecimentos em tecnologia construtiva das esculturas, em especial das policromadas sobre madeira e terracota (suporte, preparação, folhas metálicas, policromia e camadas de proteção), pesquisas bibliográficas (histórica, iconográficas e procedimentos de conservação e restauração), e ainda estudos sobre os materiais utilizados na realização dos procedimentos de conservação e restauração (preparos, proporções e principalmente suas ações sobre os estratos das esculturas, objetivando sua eficácia nas limpezas, nas refixações de policromia e outros), fazendo desta forma encontros interdisciplinares com áreas como história, história da arte, química e arquivologia.

Nas atividades de ensino as alunas bolsistas a partir da disciplina Restauração, onde recebem embasamento teórico-crítico, ofertada pelo Departamento de Artes Visuais e uma capacitação técnica inicial, oferecida pelo NCR, se integraram à equipe de trabalho desenvolvidos neste setor.

A preocupação na ampliação do objetivo primeiro do projeto que se refere à restauração do acervo de arte sacra, está em possibilitar tanto aos alunos envolvidos no projeto, quanto aos alunos voluntários, uma possibilidade de maior aprendizado e envolvimento em problemáticas diferenciadas sobre a conservação e restauração de bens culturais móveis, que abrangem os acervos das comunidades religiosas tanto da capital, quanto do interior do estado, como também acervos de obras sobre papel e pinturas de cavaletes.

Esta ampliação propicia uma maior inserção dos alunos nas comunidades, fazendo com que a extensão universitária se torne mais presente com sua participação nas visitas técnicas nas igrejas e museus, para estudos envolvendo o levantamento do estado de conservação dos acervos; nos trabalhos de educação patrimonial que são realizados nas comunidades onde o NCR desenvolve seus trabalhos de restauração; ampliando a capacitação técnica e crítica dos alunos na execução dos trabalhos, na preparação dos relatórios técnicos e fotográficos das ações restaurativas e impulsionando-os na realização de projetos de pesquisa.

A parte teórica dos estudos específicos para a recuperação de bens móveis propiciam pesquisas voltadas para a área de conservação e restauração, desenvol-

vidas no Grupo de Estudos em Restauração do NCR/GER, onde são discutidos critérios e conceitos que regem esta profissão e fundamentam a prática de restauro. No Grupo de Estudos de Métodos e Pesquisa em Arte - GEMPA são envidados esforços na discussão de Projetos em Arte, o que propicia o desenvolvimento de pesquisas apresentadas em seminários, congressos e Trabalhos de Conclusão de Cursos.

A formação é complementada com cursos de capacitação e aprofundamento realizados no NCR nas diversas áreas, como: “Projeto de conservação do acervo de fotografias da coleção Mario Freire do Setor de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Ufes”, ministrado por Paulo de Barros, 2012; “Conservação de Acervos”, ministrado por Attilio Colnago e Gilca Flores, 2013; “Conservação de Material Bibliográfico”, ministrado por Thais Helena de Almeida, 2014; “Higienização e Acondicionamento de Obras de Arte sobre Papel”, ministrado por Karoline Marques Stelzer, 2015; “Conservação/Restauração de Obras de Arte”, ministrado por Blanche Thais Porto de Matos, 2015.

Em virtude do NCR ser o único núcleo de conservação e restauração de bens culturais móveis instituído no Espírito Santo, o leva a ser o principal local de formação e capacitação de futuros profissionais na área de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis neste estado, trabalhando com acervos de pintura de cavalete, escultura policromada e acervos sobre papel (documentos, livros, fotografias e obras de arte).

As atividades desenvolvidas em seus ateliês funcionam como meio de adquirir conhecimento, desenvolver habilidades e o raciocínio lógico em relação às ações de conservação e restauração de bens culturais móveis, em ações como limpeza de policromia, remoção de vernizes, suturas, obturações e nivelamento de lacunas, reforço de bordas, reentelamento, reintegração pictórica e aplicação de vernizes.

A interdisciplinaridade se torna essencial para a apreensão de conhecimentos ligados à ciência da restauração envolvendo a preparação de adesivos, solventes, vernizes, sua forma de aplicação e funcionamento.

Outro elemento importante na formação envolve a parte documental e arquivística com a preparação de documentação técnica e fotográfica que consta de levantamento do estado de conservação das obras - pintura, escultura, acervos em papel (documentos, livros, fotografias e obras de arte), registro de procedimentos, laudos técnicos e relatórios parciais e finais, preparação de power-point e palestras nos trabalhos de Educação Patrimonial desenvolvidas nas comunidades, e como complementação o acompanhamento dos trabalhos realizados concomitantemente nos ateliês do NCR.

Tanto os trabalhos de Educação Patrimonial que são realizados nas comunidades, quanto os laudos técnicos e relatórios que são entregues aos proprietários das imagens, das obras sobre papel e pinturas de cavaletes são muito importantes para a conservação dos mesmos, porque o NCR ao entregar uma obra restaurada, não pode considerar que o trabalho esteja finalizado. Há ainda a necessidade de passar conhecimentos aos responsáveis diretos pela guarda e manutenção cotidiana das obras. É o momento de tratar conceitos que abarcam a preocupação com a con-

servação preventiva, fatores que podem danificá-las, como luz, alterações bruscas de umidade relativa e temperatura, controle biológico e, principalmente, os fatores humanos, como os procedimentos de limpeza, que causar deterioração das peças.

As ações empreendidas neste projeto envolvem os alunos diretamente ligados ao projeto (estagiários e alunos voluntários), os alunos regularmente matriculados na disciplina de Restauração e os do Centro de Artes, por meio de seminários e de exposições didáticas. Posteriormente, com a restauração dos acervos, a comunidade capixaba e os turistas se beneficiarão tanto com as imagens que retornam para suas igrejas de origem, as pinturas que retornam para os museus e a possibilidade de reabertura em algum momento do Museu de Arte Sacra do Espírito Santo, desta forma contribuindo para o conhecimento, a valorização e a preservação da memória e da cultura do estado.

REFERÊNCIAS

- BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- CALEY, Thomas. Técnicas inglesas de conservação e restauração de pinturas de cavalete. São Paulo: Pinacoteca do estado de São Paulo, 2005.
- COELHO, Beatriz (Org.). Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais. Edusp: São Paulo, 2005.
- _____. A escultura policromada do século XVIII em Minas Gerais: uma abordagem interdisciplinar; In: SEMINÁRIO DA ABRACOR, 7, 1994, Petrópolis. ABRACOR VII Seminário: Panorama Atual da Conservação na América Latina. Rio de Janeiro: ABRACOR, 1994.
- FIGUEIREDO JÚNIOR, João Cura D'Arts. Química aplicada à conservação e restauração de bens culturais: uma introdução. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2012.
- MARTOS, Arturo Diaz. Restauracion y conservacion Del arte pictórico. Madrid: Arte Restauo, 1975.
- MUÑOZ VIÑAS, Salvador. Teoria contemporânea de la restauración. Madrid: Editorial Síntesis, s.d.
- OLIVEIRA, Myriam. A imagem religiosa no Brasil. In: Mostra do redescobrimento. Arte Barroca. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos, 2000.
- PASCUAL, Eva; PATIÑO, Mireia. Conservar e restaurar papel. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.
- PASCUAL, Eva. PATIÑO, Mireia. Restauo de pintura. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.
- PHENIX, Alan. Novos avanços nas técnicas de conservação/restauração de pintura de cavalete. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1999.

CAPACITAÇÃO DE JORNALISTAS PARA O RESPEITO E A PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

A ação de “Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos Direitos Humanos” se orienta pelo III Programa Nacional de Direitos Humanos: “Promover o respeito aos Direitos Humanos nos meios de comunicação e o cumprimento de seu papel na promoção da cultura em Direitos Humanos” (PNDH-3: 2009, p. 164). Trata-se de uma ação que dá continuidade a um projeto iniciado em 2014 com a realização de oficinas nas principais cidades polo do Espírito Santo, sendo complementados neste segundo ano nas as cidades que têm como sede produtores de conteúdos noticiosos. A iniciativa se amplia com a realização do Seminário Nacional de Jornalismo e Direitos Humanos, que ocorrerá em outubro de 2015, em Vitória.

A atividade prevê a realização de oficinas presenciais de capacitação em seis cidades - Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Colatina, Linhares, Nova Venécia e em São Mateus – e estará aberta para estudantes de Jornalismo, jornalistas e militantes de Direitos Humanos. A oficina de Vitória acontecerá em Setembro e as do interior entre os meses de Outubro e Novembro. Haverá ainda o Seminário Nacional de Jornalismo e Direitos Humanos, com previsão de debates em dois dias, totalizando mais 15 horas de atividades.

Uma postura que estará presente em todas as atividades a serem desenvolvidas por este programa é transmitida por Paulo Freire (1983) em sua obra “Extensão ou comunicação?”. O que se propõe é o diálogo, muito mais do que a mera extensão extra-muros do “conhecimento” gerado na universidade. A dialógica e a dialética freire-habermasiana serão compartilhadas por estudantes, educadores e pesquisadores de Comunicação, profissionais da imprensa e militantes de Direitos Humanos de forma profunda e continuada.

Esta ação é coordenada pela equipe do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência, grupo de pesquisa e ação sediado na Universidade Federal do Espírito Santo. A metodologia de atuação do Observatório da Mídia tem sido historicamente interdisciplinar, ao envolver pesquisadores, professores, estudantes de graduação e pósgraduação das áreas de Comunicação, Direito, Educação, Saúde, Serviço Social e Psicologia com representantes de movimentos sociais e tomadores

Coordenador: José Edgard Rebouças
Colaboradores: Cinthya Andrade de Paiva Gonçalves, Marialina Côgo Antolini, Luma Poletti Dutra, Rafael da Silva Paes Henriques e Victor Israel Gentilli.
Bolsistas extensionistas: Gustavo Ferreira Andre, Jéfica Roberta Teixeira Barros, Júlia Barone Falqueto, Luiza Carolina Santanna Marcondes, Mariah Friedrich Dadalto e Mayra Fernandes Scarpi.

A ação de “Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos Direitos Humanos” se orienta pelo III Programa Nacional de Direitos Humanos: “Promover o respeito aos Direitos Humanos nos meios de comunicação e o cumprimento de seu papel na promoção da cultura em Direitos Humanos” (PNDH-3: 2009, p. 164). Trata-se de uma ação que dá continuidade a um projeto iniciado em 2014 com a realização de oficinas nas principais cidades polo do Espírito Santo, sendo complementados neste segundo ano nas as cidades que têm como sede produtores de conteúdos noticiosos. A iniciativa se amplia com a realização do Seminário Nacional de Jornalismo e Direitos Humanos, que ocorrerá em outubro de 2015, em Vitória.

A atividade prevê a realização de oficinas presenciais de capacitação em seis cidades - Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Colatina, Linhares, Nova Venécia e em São Mateus – e estará aberta para estudantes de Jornalismo, jornalistas e militantes de Direitos Humanos. A oficina de Vitória acontecerá em Setembro e as do interior entre os meses de Outubro e Novembro. Haverá ainda o Seminário Nacional de Jornalismo e Direitos Humanos, com previsão de debates em dois dias, totalizando mais 15 horas de atividades.

Uma postura que estará presente em todas as atividades a serem desenvolvidas por este programa é transmitida por Paulo Freire (1983) em sua obra “Extensão ou comunicação?”. O que se propõe é o diálogo, muito mais do que a mera extensão extra-muros do “conhecimento” gerado na universidade. A dialógica e a dialética freire-habermasiana serão compartilhadas por estudantes, educadores e pesquisadores de Comunicação, profissionais da imprensa e militantes de Direitos Humanos de forma profunda e continuada.

Esta ação é coordenada pela equipe do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência, grupo de pesquisa e ação sediado na Universidade Federal do Espírito Santo. A metodologia de atuação do Observatório da Mídia tem sido historicamente interdisciplinar, ao envolver pesquisadores, professores, estudantes de graduação e pósgraduação das áreas de Comunicação, Direito, Educação, Saúde, Serviço Social e Psicologia com representantes de movimentos sociais e tomadores de decisão nos poderes Executivo e Legislativo; propondo o diálogo constante, voltado para a transformação social nas dinâmicas que envolvem a mídia e a sociedade.

O fato de o jornalista ser considerado o “especialista das generalidades” faz com que tenha conhecimento e vivência sobre o mais amplo espectro da sociedade, já que no dia-a-dia de sua atividade irá se deparar com situações muito diversas de seu convívio cotidiano. Por isso, a formação acadêmica do profissional de jornalismo é inconcebível sem uma visão de mundo abrangente. Outro aspecto do profissional de imprensa é que necessita se basear em parâmetros científicos da compreensão das relações sociais para não se influenciar por conclusões baseadas em senso-comum.

A proposta deste projeto está ligada às atividades desenvolvidas em sala de aula pelos extensionistas, sobretudo nas disciplinas de Ética, Jornalismo Impresso, Radiofônico, Televisivo e Online do curso de Comunicação Social da Ufes; às atividades do grupo de pesquisa e ação Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência e às atividades profissionais, pelo compartilhamento com

o Sindicato dos Jornalistas, o Conselho Estadual de Direitos Humanos e ativistas de movimentos sociais.

Esta ação segue, ainda, o que prevê o Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo, que, ao definir as habilidades e competências específicas desejadas para o egresso da habilitação em Jornalismo, determina que o estudante deve: “ter atitude ética e compromisso com a cidadania e os direitos humanos”. O projeto atende também ao tópico de que o Curso deve “permitir ao estudante e futuro profissional posicionar-se sobre a atuação dos trabalhadores da comunicação; sobre o exercício do poder da comunicação; sobre os constrangimentos a que a comunicação pode ser submetida; sobre as repercussões sociais que ela enseja e sobre as necessidades da sociedade contemporânea, sempre em uma perspectiva de respeito aos direitos humanos, sociais, políticos e culturais; às liberdades; à pluralidade e à diversidade; à justiça social e à democracia, inclusive na área da comunicação”.

Outro aspecto que garante a vinculação deste projeto com a constante preocupação da relação ensino, pesquisa e extensão é o que define o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFES: “Implementar políticas sociais setoriais, com ênfase em questões prioritárias, como direitos humanos, geração de trabalho e renda, melhoria do sistema escolar e da educação de jovens e adultos, erradicação do trabalho infantil, atenção integral à família, combate à fome, combate ao abuso e à exploração sexual de crianças, adolescentes e jovens, atenção à pessoa idosa, atenção à pessoa portadora de deficiência, preservação do patrimônio cultural, entre outras questões, buscando articular as possibilidades e mecanismos de trabalho cooperativo e implementar programas colaborativos entre universidades, nos níveis estadual, regional e nacional”.

A apresentação também está de acordo com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, publicada pelo Conselho Nacional de Educação em 27 de setembro de 2013, que estabelecem como competências comportamentais de um futuro profissional avaliar, à luz de valores éticos, as razões e os efeitos das ações jornalísticas, além de atentar para os processos que envolvam a recepção de mensagens jornalísticas e o seu impacto sobre os diversos setores da sociedade (MINISTÉRIO..., 2013). Essas diretrizes também preveem como item das competências gerais do egresso das universidades a compreensão e valorização dos direitos humanos.

Contudo, o desrespeito aos direitos humanos passou a ser algo rotineiro nas grades televisivas, sobretudo em programas policiais exibidos nacional e regionalmente em vários horários ao longo do dia. No jornalismo impresso, tal prática é comum nas publicações ditas “populares”, chegando à criação da expressão “espremeu sai sangue”. Os índices de violência têm aumentado no Brasil, e com eles a incidência da cobertura jornalística apoiada na equivocada “metáfora do espelho”, onde insinua-se que a imprensa é um mero fiel reproduzidor da realidade. O que ocorre, no entanto, é que os veículos de comunicação colaboram para uma construção social da realidade, onde valores e estereótipos são criados e reforçados com obje-

tivo de manutenção de um estado das coisas que interessa apenas a determinadas camadas da sociedade.

Este projeto de extensão está alinhado ao “Objetivo Estratégico II” do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) que prevê a: “garantia do direito à comunicação democrática e ao acesso à informação”. Sendo que entre as ações programáticas previstas no plano estão: “a) Promover parcerias com entidades associativas de mídia, profissionais de comunicação, entidades sindicais e populares para a produção e divulgação de materiais sobre Direitos Humanos” (SEDH: 2009, p. 166).

O objetivo geral desta ação de “Capacitação de jornalistas para o respeito e a promoção dos direitos humanos” é o de criar um mecanismo de diálogo permanente entre os atores sociais envolvidos na divulgação de temas relativos a direitos humanos, tais como jornalistas e militantes. Os objetivos específicos desta ação estão voltados a compartilhar conhecimentos entre pesquisadores, estudantes, jornalistas e militantes de direitos humanos para que possam:

1) Compreender o papel da imprensa junto à sociedade, a partir do resgate histórico do jornalismo como mediador de informações e de análises em prol de um sociedade mais justa e igualitária;

2) Analisar criticamente os conteúdos jornalísticos em diversos meios, trabalhando a leitura crítica dos conteúdos da imprensa via jornais, televisão, rádio e internet;

3) Identificar práticas de desrespeito aos direitos humanos veiculadas e/ou promovidas pela imprensa, por meio do monitoramento de coberturas jornalísticas, sobretudo de telejornais e jornais policiais.

4) Promover a cultura dos direitos humanos por meio da imprensa, a fim de oferecer ferramentas, técnicas e linguagens específicas para um uso eficiente da imprensa em prol dos Direitos Humanos.

5) Desempenhar um papel de profissionais responsáveis, mas, sobretudo, de cidadãos responsáveis. Busca-se inserir os estudantes em realidades sociais diversas de seu convívio cotidiano, para mostrar como podem colaborar nos processos de inclusão social e de transformação da sociedade por meio de sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS

- BUCCI, E.; KEHL, M. R.. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CONSELHO de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo. Currículo 2004 do curso de Comunicação Social: Resolução nº 25/2003. Vitória: Ufes, 2003.
- DINES, A.. O papel do jornal e a profissão de jornalista. 9. ed. São Paulo: Summus, 2004.
- FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Vitória: Fenaj, 2007
- FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GENRO FILHO, A. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, - Página 11 de 27 1989.
- GENTILLI, V. O futuro do jornalismo: democracia, conhecimento e esclarecimento. In: CHRISTOFOLETTI, R., MOTTA, L.G. (orgs.). Observatórios de mídia - olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.
- GERBNER, G. et al.. Television's mean world: violence profile nº 14-15. The Annenberg School of Communications-University of Pennsylvania/University of Massachusetts, Sep. 1986.

HABERMAS, J.. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T.. Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir, São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KUCINSKI, B.. Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Perseu Abramo/Unesp, 2005.

KUNCZIK, M.. Conceitos de jornalismo: Norte e Sul - manual de comunicação. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2001.

LIMA, V. A. Mídia: teoria e política. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

MINISTÉRIO da Educação. Resolução CNE/CES 1/2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1º de outubro de 2013, Seção 1, p. 26.

MORETZSOHN, S.. Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

SECRETARIA Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. PNDH-3: Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009. Brasília: SEDH, 2009.

SODRÉ, M.. A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira. Petrópolis: Vozes, 1971.

SODRÉ, M.; PAIVA, R. O império do grotesco. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. VARJÃO, S. Macroviolências-Micropoderes: mídia impressa-aparato policial. Salvador: Edufba, 2008.

WAISELFISZ, J.J.. Mapa da violência 2013: mortes matadas por arma de fogo. Rio de Janeiro: Cebela/Flacso, 2013.

CONHECENDO OS TRAJETOS DOS USUÁRIOS DA UFES

Ricardo Esteves Gomes
Mauro Pinheiro

O projeto «Sistema de Sinalização para a Ufes» trata do desenvolvimento do sistema de sinalização para os campi da Universidade Federal do Espírito Santo. O projeto, iniciado em 2013, tem se concentrado no campus Goiabeiras e no Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes-Ufes). O trabalho vem sendo realizado pela equipe do ProDesign Ufes, Laboratório de Projetos em Design vinculado ao Departamento de Desenho Industrial desta universidade. Neste artigo descrevemos as etapas relacionadas ao levantamento de dados realizado no campus Goiabeiras, destacando os métodos de pesquisa aplicados na identificação dos caminhos mais utilizados pela comunidade da Ufes. O projeto faz parte do programa de extensão «Programa de Projetos em Design».¹

¹ Registro SIEEX nº 500317.

Design da informação e Sinalização

O design da informação é o processo de tornar a informação acessível ao outro através do design, portanto, é uma questão central deste e de todo projeto de sinalização honestamente preocupado com seus usuários. Mais do que um processo, o Design da Informação constitui-se como um corpo de conhecimento específico no campo do Design. A Sociedade Brasileira de Design da Informação define o design da informação como:

[...] uma área do design gráfico que objetiva equacionar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem os sistemas de informação através da contextualização, planejamento, produção e interface gráfica da informação junto ao seu público alvo. Seu princípio básico é o de otimizar o processo de aquisição da informação efetivando sistemas de comunicação analógicos e digitais. (SOCIEDADE, 2006)

Projetos de sinalização enquadram-se claramente no âmbito do Design de Informação, desta forma este projeto tem como principal alicerce teórico este campo do conhecimento.

Chamma & Pastorelo (2007) afirmam que a sinalização é um processo de veiculação de informações no espaço físico, com

objetivo de transmitir informação ao usuário de maneira objetiva. Para Costa (2007) o objetivo da sinalização é organizar o fluxo O projeto «Sistema de Sinalização para a Ufes» trata do desenvolvimento do sistema de sinalização para os campi da Universidade Federal do Espírito Santo. O projeto, iniciado em 2013, tem se concentrado no campus Goiabeiras e no Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes-Ufes). O trabalho vem sendo realizado pela equipe do ProDesign Ufes, Laboratório de Projetos em Design vinculado ao Departamento de Desenho Industrial desta universidade. Neste artigo descrevemos as etapas relacionadas ao levantamento de dados realizado no campus Goiabeiras, destacando os métodos de pesquisa aplicados na identificação dos caminhos mais utilizados pela comunidade da Ufes. O projeto faz parte do programa de extensão «Programa de Projetos em Design».¹

²Dados da Prefeitura Universitária:
http://www.pu.ufes.br/ufes_em_areas

Design da informação e Sinalização

O design da informação é o processo de tornar a informação acessível ao outro através do design, portanto, é uma questão central deste e de todo projeto de sinalização honestamente preocupado com seus usuários. Mais do que um processo, o Design da Informação constitui-se como um corpo de conhecimento específico no campo do Design. A Sociedade Brasileira de Design da Informação define o design da informação como:

[...] uma área do design gráfico que objetiva equacionar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem os sistemas de informação através da contextualização, planejamento, produção e interface gráfica da informação junto ao seu público alvo. Seu princípio básico é o de otimizar o processo de aquisição da informação efetivando sistemas de comunicação analógicos e digitais. (SOCIEDADE, 2006)

Projetos de sinalização enquadram-se claramente no âmbito do Design de Informação, desta forma este projeto tem como principal alicerce teórico este campo do conhecimento.

Chamma & Pastorelo (2007) afirmam que a sinalização é um processo de veiculação de informações no espaço físico, com objetivo de transmitir informação ao usuário de maneira objetiva. Para Costa (2007) o objetivo da sinalização é organizar o fluxo de usuários em um determinado local. De acordo com Munari (1997) um sistema de sinalização faz utilização de códigos, sinais, cores, formas e imagens para transmitir informações que precisam ser entendidas de maneira imediata pelos usuários, de modo a facilitar seu acesso. O designer está inserido no processo de comunicação para atuar como articulador visual de mensagens (GRUSZYNSKI, 2008). Neste sentido, sua atuação é essencial para garantir a eficiência de um projeto de design da informação que envolva comunicação visual intencional, como no caso do presente projeto de sinalização.

Contexto do projeto: o Campus Goiabeiras

O campus de Goiabeiras é o principal e mais antigo da Ufes. Fundado em 1954, localiza-se na capital do Espírito Santo, e concentra a maior parte dos cursos de graduação, mestrado e doutorado, seus centros de ensino, laboratórios de pesquisa e projetos de extensão. Nele também estão os principais setores administrativos da universidade, como a Reitoria, as Próreitorias e as Secretarias. Com uma vasta oferta de serviços à população, estima-se que no campus de Goiabeiras circulem diariamente cerca de 22 mil pessoas, entre alunos, professores, servidores e visitantes. Com 65 anos de existência e uma área total de 1.567.545,00m² [?], o campus teve um crescimento orgânico apresentando grande diversidade arquitetônico-urbanística. A ocupação do espaço ao longo dos anos se deu de maneira desigual, ora apresentando grande densidade de prédios e serviços, ora apresentando grandes áreas vazias (Figura 1).

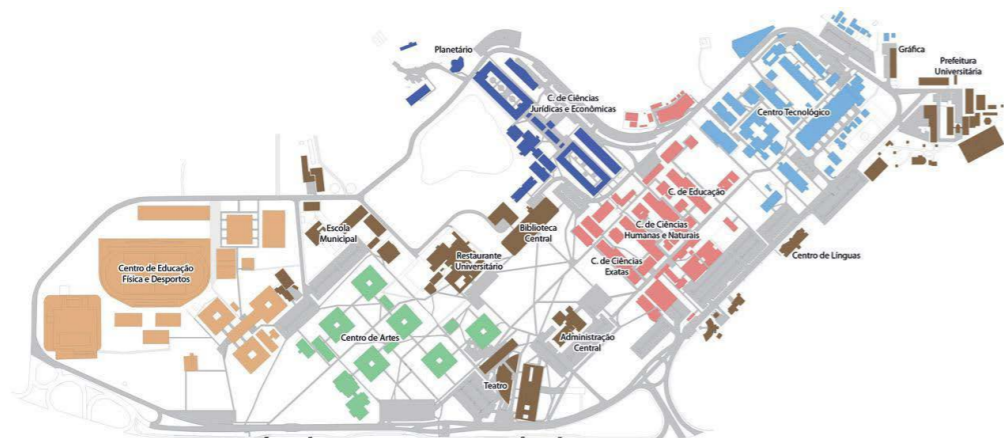


Figura 1: Mapa do campus de Goiabeiras. Divisões por cor (atualmente não existentes) como possível estratégia de agrupamentos visuais por setores. Observa-se como há uma maior aglomeração de prédios nos setores vermelho, azul claro e azul escuro, enquanto os setores verde e laranja contam com maiores áreas vazias na ocupação do terreno.

O campus conta, até o presente, com um sistema de sinalização que se encontra em grande parte desatualizado e parcialmente destruído, tanto pela ação do tempo quanto por vandalismo (Figura 2). É comum observar a apropriação dos suportes pela própria comunidade universitária, que se aproveita dos elementos existentes para colar cartazes diversos, estabelecendo organicamente espaços de comunicação efêmera.



Figura 2: Totens de concreto, placas identificadoras e cartazes. É possível observar o estado de deterioração de grande parte das peças ao longo do campus, bem como sua apropriação inadequada pela comunidade.

A Ufes tem crescido nos últimos anos com novos cursos, prédios e serviços oferecidos à comunidade interna e externa dos seus quatro campi. Este desenvolvimento cria novos hábitos, novas rotas, novos procedimentos que geram demandas de comunicação as quais a sinalização existente, desatualizada e depredada pelo uso, não cumpre de forma eficiente. A necessidade de indicações e direcionamentos aos usuários é um fato que, junto à questão da segurança nos campi, torna este projeto de suma importância ao bom funcionamento da universidade.

Levantamento de dados junto ao público alvo

Desde o início do projeto, buscou-se garantir o envolvimento da população-alvo no processo. Experiências anteriores já apontavam a importância da aplicação de métodos de pesquisa com usuários em projetos de sinalização (PINHEIRO et al, 2006). Apesar de todos os membros da equipe do ProDesign Ufes serem professores e alunos da instituição – portanto familiarizados com o campus – buscou-se identificar como a comunidade da Ufes entende o espaço, como se refere a ele, bem como que caminhos eram utilizados com mais frequência. A intenção foi identificar as terminologias utilizadas, quais os marcos significativos dentro do campus – informações que poderiam servir para estabelecer estratégias de comunicação e posicionamento de elementos de sinalização posteriormente. Foram então elaboradas duas ferramentas para o levantamento de dados: o questionário e o mapa de trajetos.

Questionário

Foi elaborado um questionário misto com quatorze perguntas: oito perguntas com respostas fechadas e seis perguntas com respostas abertas. As primeiras perguntas buscavam traçar o perfil do entrevistado, com informações como: o tipo de vínculo com a universidade (se era aluno, professor, servidor ou visitante); frequência com que visita o campus; há quanto tempo frequenta o campus; e meio de transpor-

te utilizado para chegar à Ufes.

O questionário buscou também identificar quais nomenclaturas e termos eram usados pela população. Por exemplo, o campus da universidade conta com seis entradas. Duas dessas entradas são compartilhadas entre automóveis e pedestres, sendo as únicas que recebem uma denominação formal (Norte e Sul). As entradas exclusivamente para pedestres não contam com qualquer nomenclatura oficial. Dessa forma, no questionário, pediu-se que o participante indicasse qual portão de acesso utilizava corriqueiramente. Mais adiante, o questionário apresentava um mapa com as entradas numeradas, e o participante era solicitado a responder como se referia a cada uma delas.

Existe uma cultura institucionalizada na universidade de utilizar siglas e abreviações para identificação dos seus centros de ensino, edificações e serviços. Dentre alguns exemplos: CAR, CLC, CT, CCJE, CCHN, CEFD, CE, PU, PRPPG, IC, ED, Setpes, Cemuni etc. Nossa hipótese era que essas siglas poderiam soar incompreensíveis e serem de difícil memorização para pessoas que não utilizavam tais locais com frequência. Para aferir essa questão, o questionário trazia uma lista com treze siglas usadas no campus, e o participante deveria responder quais ele conhecia. Logo em seguida, uma lista de nomes de centros de ensino, órgãos e serviços era apresentada, e novamente o participante deveria indicar quais eram de seu conhecimento. Importante destacar que os questionários foram aplicados pela equipe do ProDesign Ufes, de modo que os participantes não tinham acesso direto ao material impresso. Dessa forma, buscou-se evitar que os usuários associassem imagneticamente as siglas aos nomes por extenso que viriam logo a seguir na página do questionário aplicado.

Foram realizados testes iniciais para verificar o funcionamento do instrumento de coleta de dados, e uma vez consolidado o modelo, aplicou-se o questionário durante 50 dias não sequenciais, abrangendo 501 pessoas em diferentes horários ao longo do dia. Os usuários foram abordados em diversos pontos do campus e por diferentes pessoas da equipe. A média de tempo gasta na aplicação de um questionário era de aproximadamente 25 minutos.

Mapa de trajetos

Dentro do nosso caso específico do campus de Goiabeiras, um dos objetivos da pesquisa foi identificar quais referências, elementos construídos ou elementos da natureza presentes no campus eram eleitos como marcos significativos, pontos de referência constituintes da imagem do ambiente construída por seus usuários. No que se refere a identificação desses marcos significativos, a abordagem utilizada foi fortemente influenciada pelo trabalho de Lynch (1960).

Durante o projeto, apontou-se a necessidade de conhecer o fluxo dos usuários no uso corriqueiro do espaço do campus. Através desse entendimento, seria possível identificar áreas de maior circulação e pontos de maior interesse para disposição das peças de sinalização direcionadoras. Embora tenhamos abarcado todas as formas de locomoção, esse levantamento se mostrou particularmente relevante em relação à circulação de pedestres, devido ao fato de o campus possuir muitos caminhos

transversais previamente pavimentados, bem como outros delimitados sobre a grama a partir do uso corriqueiro de «atalhos» naturais. Dado o nível de complexidade do rizoma estabelecido, a identificação de possíveis linhas de força principais se mostrava fundamental para a construção de estratégias de direcionamento para os usuários. Como forma de registro desse fluxo, desenvolveu-se um mapa do campus, no qual o entrevistado era convidado a marcar com caneta o trajeto que costumava percorrer com maior frequência, a partir da entrada (Figura 3).

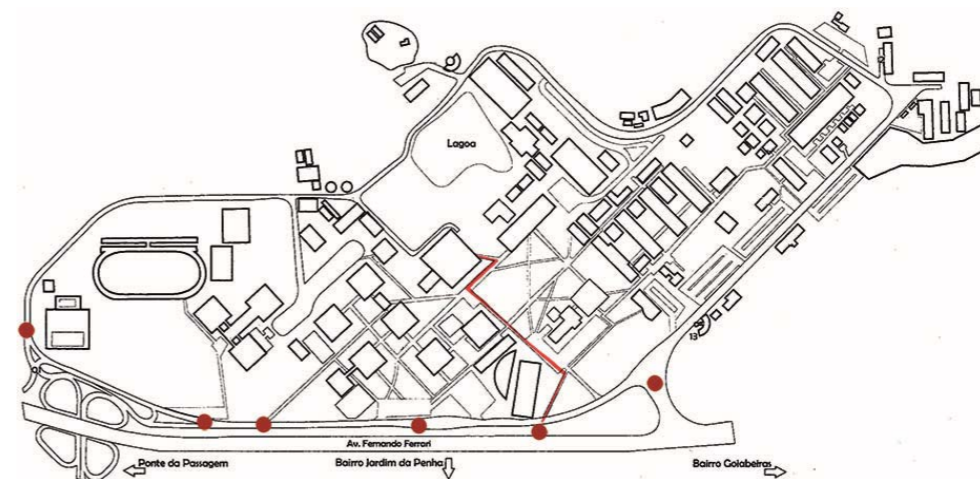


Figura 3: Exemplo de trajeto traçado por um usuário.

Para gerar um entendimento e análise sobre os dados recolhidos, optou-se por reunir todas as linhas de trajeto em um único mapa (Figura 4), utilizando o programa de tratamento de imagem Adobe Photoshop, separando cada traçado em uma camada diferente.

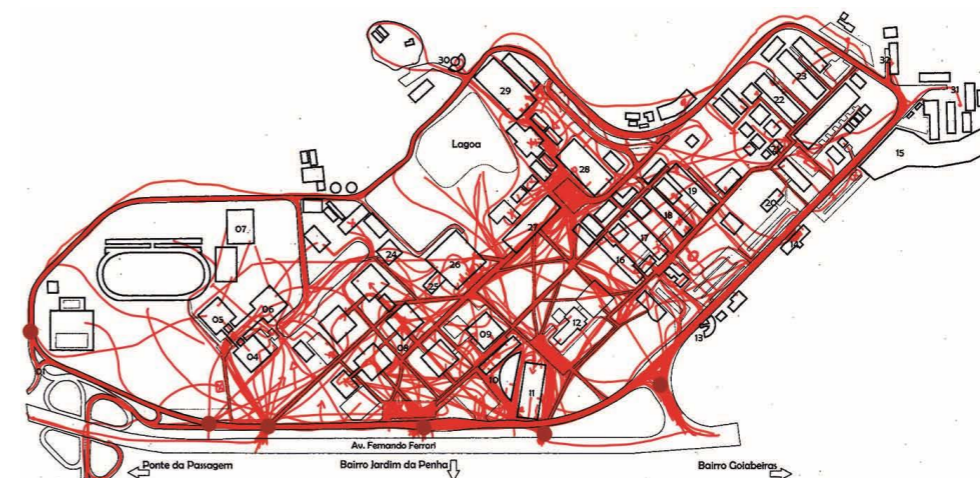


Figura 4: Os diferentes caminhos sobrepostos mostram a complexidade do uso real do espaço

Para identificação das áreas de maior circulação de pessoas, cada trajeto (aplicado a uma camada de informação) teve sua opacidade reduzida a 2% (Figuras 5 e 6). Desse modo, trajetos semelhantes se sobrepunham, tornando a cor do traçado mais evidente em locais onde ocorriam sobreposições de caminhos individuais. Assim, utilizando camadas, foi possível identificar onde ocorriam maiores e menores incidências de fluxo de pessoas. Ao final, obteve-se um mapa de trajetos que lembra um mapa de calor, no qual os trajetos mais percorridos pela nossa amostragem contrastavam com aqueles menos percorridos (Figura 7).

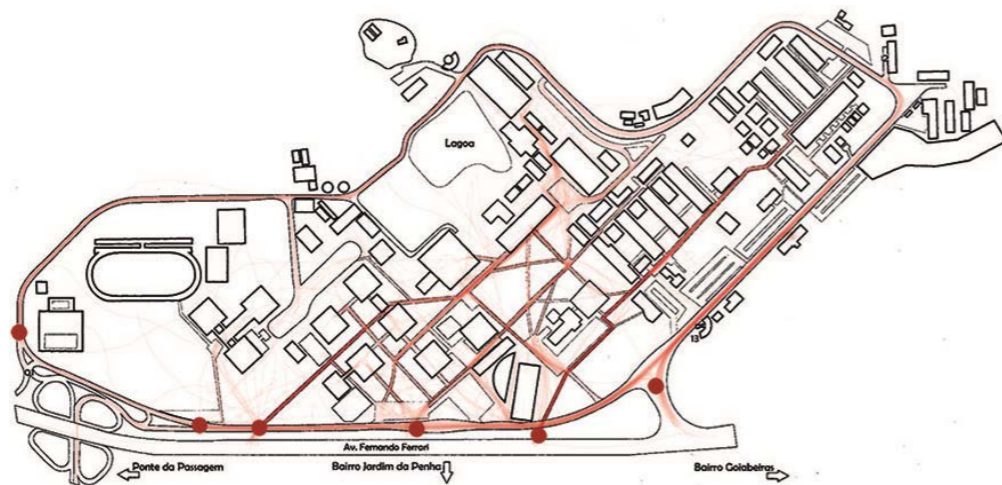


Figura 5: Com a opacidade reduzida foi possível perceber trajetos de maior e menor circulação.

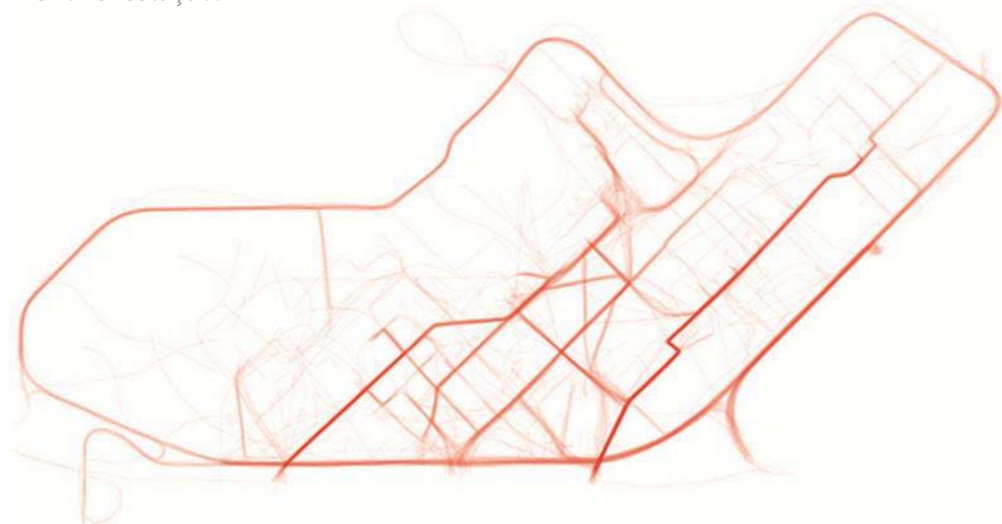


Figura 6: Retirando o mapa e mantendo somente a sobreposição de trajetos foi possível observar tendências predominantes, pontos de concentração e dispersão

Desse modo, por meio dos gráficos gerados, pudemos identificar:

- os portões de entrada mais utilizados;
- quatro eixos principais de circulação de pessoas;
- em quais pontos desses eixos ocorrem dispersões de pessoas.

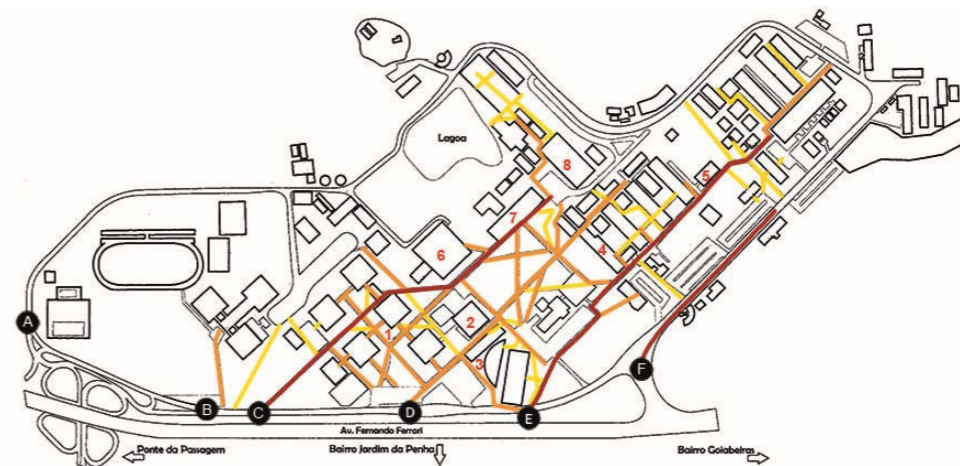


Figura 7: Principais eixos de circulação de pedestres. Em vermelho, os caminhos com maior fluxo, constituindo eixos principais. Em laranja, os caminhos secundários. Em amarelo, as zonas de transição que constituem eixos terciários.

Considerações finais

A participação dos usuários na identificação de eixos de fluxo foi fundamental para o entendimento do uso do espaço, especialmente no que se refere ao trajeto de pedestres, tendo em vista que o campus é constituído por um rizoma de trajetos aparentemente confuso, à primeira vista, por sua complexidade gráfica. Com a visualização dos padrões de incidência, pudemos estabelecer estratégias de deslocamento de visitantes através desses eixos, facilitando o entendimento do espaço a partir da construção consciente de linhas mestras para o direcionamento dos visitantes.

Referências

- CHAMMA, Norberto; PASTORELO, Pedro. Marcas & sinalização: práticas em design corporativo. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2007.
- COSTA, Joan. Señalética Corporativa. Barcelona: Costa Punto Com Editor, 2007. GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Design gráfico: do invisível ao ilegível. 2ªed. São Paulo: Rosari, 2008.
- LYNCH, Kevin. The image of the city. Cambridge: MIT Press, 1960.
- MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997
- PINHEIRO, Mauro, et al. Sinalização e ambientação da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (P&D Design), 7., 2006, Curitiba. Anais...CD-ROM. Curitiba, 2006.
- SOCIEDADE Brasileira de Design da Informação. 2006. Disponível em: <<http://www.sbdinfo.org.br>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

DESIGN EM QUADRINHOS DA HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Docente: Priscilla Maria Cardoso Garone
Dicente: Abner Boldt
Bárbara Lima da Fonseca

INTRODUÇÃO

Os quadrinhos desempenham um papel importante na vida das crianças e dos jovens, particularmente, no lazer destes. Segundo Anselmo (1975), a maioria dos adolescentes considera os quadrinhos como um recurso adaptável às disciplinas de ensino. Segundo eles, as histórias em quadrinhos facilitam o aprendizado, prendem a atenção e auxiliam na imaginação e na fixação do conteúdo (ANSELMO, 1975). Para Luyten (1985), os quadrinhos vêm assumindo importância como fator didático-pedagógico e se tornando uma prática comum no ensino brasileiro.

Em 2006, o governo federal, através do Ministério da Educação (MEC), incluiu livros de histórias em quadrinhos e de imagens na nova coleção Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/2006). Segundo o MEC, a leitura de obras em quadrinhos demanda um processo bastante complexo por parte do leitor, que contribui muito para sua independência na interpretação dos textos lidos (BRASIL, 2006).

Justifica-se, portanto, a realização de pesquisas que visam aplicar os quadrinhos ao ensino, como também a realização de investigações específicas para a compreensão de variáveis que operam na exposição do leitor aos quadrinhos. Diante disso, surgiu o grupo de pesquisa e extensão Design em Quadrinhos, composto por alunos do curso de Desenho Industrial da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, que se propõe a pesquisar o uso e produzir histórias em quadrinhos como material didático complementar ao ensino de História do Espírito Santo para alunos do ensino fundamental, englobando assim as necessidades culturais e didáticas através de uma abordagem lúdica, bem como investigar de que forma o design pode contribuir para a produção de material didático que utilize as histórias em quadrinhos como linguagem.

O projeto ocorreu sob orientação da Professora Priscilla Maria Cardoso Garone durante a disciplina de Histórias em Quadrinhos, do departamento de Desenho Industrial da Ufes, e se baseou nos princípios do Design Social, que visa promover o desenvolvimento social, além de envolver diretamente o usuário no processo projetual (PACHECO, 1996, p. 11 e 12). Para tanto, professores do Ensino Fundamental que ministram a disciplina de Histó-

ria e a direção pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Experimental de Vitória atuaram como interlocutores, sugerindo bibliografias, avaliando os conteúdos produzidos e permitindo testes regulares em suas classes.

Através da pesquisa bibliográfica e da observação direta, foram realizados estudos e análises reflexivas sobre os materiais e o conteúdo para dar início à produção de quadrinhos. O presente artigo expõe as etapas de processo de desenvolvimento do projeto, e o resultado evidenciou um objeto de ensino que emprega a leitura lúdica como material complementar e estimulante para o ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO

A fim de levantar dados sobre o conteúdo de história do Espírito Santo, foram lidos os livros de Conti (2005), Neves (2001) e Kill (2005), utilizados pelos alunos na escola e indicados pela interlocutora, dentre outros. Esses dados, após análise, resultaram na geração de hipóteses de enredos, segundo a metodologia de Munari (2010).

Numa primeira reunião com os professores e diretores da escola, foi feita a ela uma explanação sobre enredos produzidos, ficando definida a produção de uma história sobre Vasco Fernandes Coutinho, primeiro capitão donatário da capitania do Espírito Santo; uma sobre as invasões holandesas; e outra sobre imigrantes no interior do estado. Assim, os roteiros passaram por revisões e inclusão de referências visuais, sendo apresentados na íntegra à interlocutora em nova reunião e aprovados por estarem condizentes, segundo ela, com o aspecto histórico e o público-alvo.

Foram feitos testes de composição e disposição espacial dos textos de cada página. Em alguns casos, optou-se por aumentar o número de páginas previamente estabelecidas no roteiro, em função da grande quantidade de informação contida. Páginas com muitos elementos verbais foram divididas em duas ou mais, com menos quadros cada uma, visando concentrar menos informação verbal e visual, e, assim, dar ênfase e destaque a algum dado importante.

É importante ressaltar que o público-alvo, de estudantes do Ensino Fundamental, possui diferentes níveis de intimidade com os quadrinhos, portanto, é imprescindível que o entendimento da história seja uniformizado para todos os anos do Ensino Fundamental, a fim de não dar margem para diferentes conotações. Para tanto, o trabalho de composição de páginas partiu das escolhas de momento, enquadramento e fluxo propostas por McCloud (2008).

Segundo McCloud (2008), existem duas metas que precisam ser alcançadas ao contar uma história: é necessário que o espectador entenda a história, e que se importe o bastante para continuar ouvindo até o fim. Para alcançá-las, é essencial se comunicar com clareza e entender os elementos que podem persuadir o público a acompanhar a história.

Um dos maiores desafios que surge ao planejar o quadrinho é definir quais cenas serão mostradas, para que a ação seja lida com clareza. Uma história não precisa, necessariamente, mostrar todos os momentos de uma ação para ser entendida, mas os momentos escolhidos devem explicar a ação de modo eficaz.

Ao suprimir alguns momentos da ação, o quadrinista produz o que Cirne (1977)

nomeou de elipses visuais, ou seja, apenas sugerir ao leitor a percepção das imagens ocultas ou subentendidas da narrativa. Esse recurso foi utilizado na história para suprimir cenas que possuíam algum tipo de conteúdo não recomendado para a faixa etária do público (figura 1).

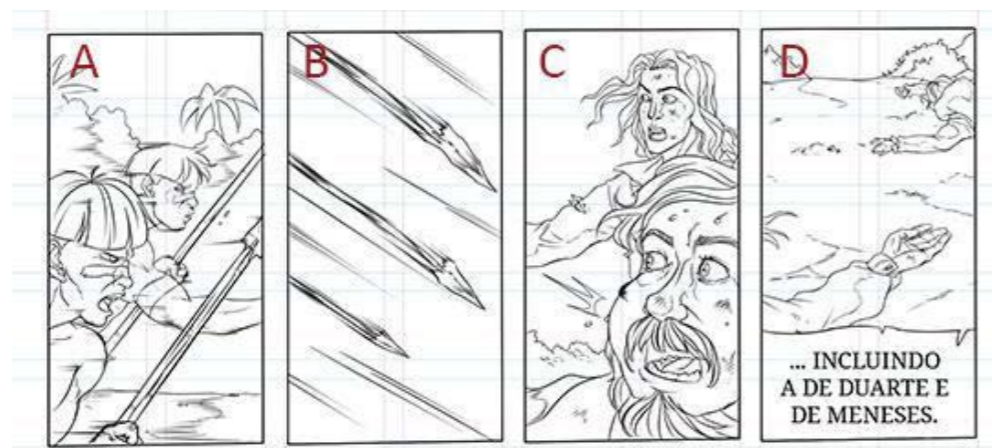


Figura 1 - Cenas de violência foram omitidas entre (A), (B), (C) e (D), contudo o contexto da história pode ser entendido com clareza.

A partir disso, na etapa de letreiramento, os textos foram diagramados na página com os quadros. Para isso, foram realizados estudos tipográficos e definidas as tipografias a serem utilizadas nas falas e narrações. As onomatopeias, representações de sons, foram desenhadas manualmente para conferir maior plasticidade ao trabalho.

Concluída essa fase, as páginas eram encaminhadas para os desenhistas, que traduziam em imagem o conteúdo de acordo com o storyboard e o roteiro, além de fazerem os balões de fala. Algumas páginas possuem partes desenhadas por dois desenhistas, para diferenciar o traço das ilustrações da narrativa atual das cenas de acontecimentos históricos.

Por fim, a página desenhada recebeu a cor base, de acordo com uma paleta de cores preestabelecida, sendo encaminhada para a cor final, etapa que consiste em trabalhar a luz, com brilhos e reflexos, a sombra e o volume das imagens (figura 2).



Figura 2 - Processo de produção de uma página pelo grupo Design em Quadrinhos.

TESTES E RESULTADOS

Ao final da produção, o quadrinho foi apresentado para turmas do 4º ao 6º ano da Emef, com a presença da professora interlocutora (figura 11). Com uma média de 25 alunos por turma, com idade entre 9 e 11 anos, os estudantes leram parte da história de forma coletiva, com as páginas projetadas em tela.

Durante a exibição, os alunos se mantiveram imersos e atentos. Os leitores não tiveram dificuldades em seguir o fluxo de leitura e a temática da história foi compreendida com clareza. O ritmo de leitura foi rápido e as crianças reagiam à narrativa, ficando mais agitadas em cenas de ação e mais compenetradas durante os diálogos e narração. Ao final, um questionário com questões objetivas e discursivas de história e outras questões avaliativas sobre o quadrinho foi aplicado.



Figura 3 - Os alunos durante a leitura do quadrinho.

Entre outras questões, em relação ao roteiro, foi perguntado o seguinte:

- Do que se trata a história lida;
- Seis perguntas objetivas, com cinco alternativas cada, de conhecimentos sobre o conteúdo da história em quadrinhos e dos fatos históricos de Vasco Coutinho e da colonização do Espírito Santo;
- Se, ou quanto a história em quadrinhos em questão ajudou a responder essas seis perguntas de conhecimentos;
- Como o aluno avalia a história em quadrinhos e a justificativa.

De modo geral, as seis perguntas de conhecimentos sobre o conteúdo apresentaram resultados satisfatórios, com 72,5% de acerto, 26,1% de erro e 1,4% de respostas em branco. A seguir, a quantidade e o percentual de acertos e erros por pergunta:

As questões que requeriam o conhecimento de nomes próprios relacionados à história, tiveram bom rendimento dos alunos (91,3%). Já as perguntas sobre os eventos ocorridos no início da colonização no Espírito Santo, tiveram resultados medianos (68,1% de acertos).

Em relação à avaliação da história em quadrinhos enquanto objeto de design, os estudantes alegaram facilidade na leitura e compreensão do fluxo da narrativa, e compreensão dos elementos ilustrados.

Após verificar a reação do público-alvo perante a obra, toda a equipe pôde mensurar a importância de cada trabalho para o projeto. O cuidado em cada etapa do processo propiciou uma grande aceitação do produto final. As crianças tiveram interesse em continuar a leitura, e algumas afirmaram, ainda, que seria muito mais divertido e estimulante estudar com esse material de apoio ao ensino. Desse modo, acredita-se que o objetivo do projeto foi alcançado.

As páginas de quadrinhos compõem a publicação *Tesouro, Nossa história em quadrinhos*, disposta de 105 páginas. O projeto contou, entre os anos de 2012 e 2015 com cinco bolsas de iniciação científica, duas de extensão; gerou a publicação de cinco artigos em congressos nacionais e internacionais; e um trabalho de conclusão de curso. Submetido ao edital lançado no ano de 2014 de incentivo a publicação de histórias em quadrinhos da Secretaria de Estado da Cultura - SECULT Espírito Santo, contemplado, e com lançamento previsto para 2015, o projeto será disponibilizado para escolas e bibliotecas públicas na versão impressa.

CONCLUSÃO

As histórias em quadrinhos são um meio de aprendizado lúdico e atingem leitores de forma efetiva, especialmente jovens, utilizando-se de sua linguagem acessível, apelo visual e personagens carismáticos. Com a prática de projeto, pôde-se estruturar de forma organizada e progressiva as etapas de trabalho realizadas, como visto durante a realização do projeto.

O esmero em cada etapa do processo propiciou uma grande aceitação do produto final. Isso só foi possível com a adoção de uma metodologia de design, especialmente considerando as etapas de experimentação. O material concebido partilha do conteúdo de estudo de maneira direta e explicativa, permitindo ao professor o uso em conjunto com a didática escolar. No caso estudado, o formato de história em quadrinhos tornou possível o aprendizado das crianças, de forma lúdica e estimulante. Obteve-se assim um material que se mostra inovador como apoio ao ensino da história do Espírito Santo.

Espera-se que esta pesquisa permita que outros materiais similares possam surgir baseados no mesmo princípio acadêmico e didático, e não somente no contexto do currículo escolar, mas na formação dos jovens como cidadãos. Além disso, visa-se que o projeto seja continuado e expandido com novos roteiros e quadrinhos, para o enriquecimento dos recursos que promovem a difusão da história do Estado do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

- CIRNE, Moacy. *Bum! A Explosão Criativa dos Quadrinhos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CONTI, Raquel Félix. *A Construção do Espírito Santo: História e Geografia para o Ensino Fundamental*. Vitória: Formar, 2005.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- KILL, Miguel A. *Terra Capixaba: Geografia e História*. Vitória: Ed. do autor, 2005.
- MCCLOUD, Scott. *Desenhando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2008.
- MUNARI, Bruno. *¿Cómo nacen los objetos?: Apuntes para una metodología proyectual*. 1. ed. 10. tir. Barcelona: G. Gili, 2010.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Nosso Estado: O Espírito Santo*. Curitiba: Base, 2001.
- SITES CONSULTADOS
- BRASIL. Ministério da Educação. *Escolas públicas recebem histórias em quadrinhos*. Disponível na internet por http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7318&catid=211 Acesso em 25 ago. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Por que livros em quadrinhos foram incluídos no Programa Nacional Biblioteca da Escola?* Disponível na internet por http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=282:por-quelivros-em-quadrinhos-foram-incluidos-no-programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=136:quadrinhos-do-pnbe Acesso em 25 ago. 2015.

DESIGN DE JOGOS NA ESCOLA: JOGOS EDUCATIVOS SOBRE A HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Docente: Priscilla Maria Cardoso Garone
Dicente: Matheus Rocha de Souza Ramos
Bárbara Lima da Fonseca

INTRODUÇÃO

Os jogos se inserem no contexto social como ponto de equilíbrio aos valores adquiridos na aprendizagem. Jogos e brincadeiras são importantes para o desenvolvimento humano, por fazerem parte do seu cotidiano desde o início de nossas vidas, segundo Huizinga (2000).

Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), como recurso pedagógico, o jogo proporciona uma atividade com grande valor educativo. Para a criança, o jogo possibilita aprender de acordo com seu ritmo e suas capacidades, além de propiciar a integração com o mundo por meio de relações e de vivências. Através de seu potencial lúdico, o jogo desempenha um papel importante no processo de desenvolvimento infantil.

Chateau (1987) afirma que o jogo possibilita que as potencialidades das crianças se manifestem plenamente, por meio do estímulo do conhecimento em diferentes dimensões, como a motora, afetiva, moral e cognitiva. O jogar caracteriza-se como uma atividade social, organizada e cooperativa. Facilitando a interação social, o controle do humor e o respeito com o espaço do outro.

Em resumo, a importância do jogo no ambiente escolar não deve ser subestimada. Ele não apenas é um exercício de todas as faculdades, como é também uma fonte de atividades superiores; nele, reina a espontaneidade; e através dele, o indivíduo aprende a lidar com seus desejos em respeito às regras (VYGOTSKY, 1991).

O público do presente projeto é formado por estudantes do ensino fundamental. Os jogos desenvolvidos durante esse projeto abarcam o objetivo contribuir na educação histórica e cultural do jogador, possibilitando a este uma experiência com temas diversos, como: povos que formaram o Espírito Santo; a dinâmica da lavoura açucareira; e a Revolta do Queimado. Desta maneira, o jogo se torna uma atividade de grande motivação, liberando a espontaneidade e estimulando a ação e o conhecimento, além de despertar a consciência histórica.

O projeto ocorreu sob orientação da Professora Priscilla Maria Cardoso Garone durante a disciplina de Jogos Educativos, do departamento de Desenho Industrial da Ufes, e se baseou nos princípios do Design Social, que visa promover o desenvolvimento

social, além de envolver diretamente o usuário no processo projetual (PACHECO, 1996, p. 11 e 12). Para tanto, professores do Ensino Fundamental que ministram a disciplina de história e a direção pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Experimental de Vitória atuaram como interlocutores, sugerindo bibliografias, avaliando os conteúdos produzidos e permitindo testes regulares em suas classes.

Através da pesquisa bibliográfica e da observação direta, foram realizados estudos e análises reflexivas sobre os materiais e o conteúdo para dar início à produção dos jogos. O resultado evidenciou a construção de objetos de apoio ao ensino que emprega o lúdico como estímulo para o aprendizado e a socialização no ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO, TESTES E RESULTADOS

A fim de levantar dados sobre o conteúdo de história do Espírito Santo, foram lidos os livros de Conti (2005), Neves (2001) e Kill (2005), utilizados pelos alunos em escolas da rede pública do município de Vitória, indicados pelos interlocutores, dentre outras fontes de pesquisa com informações e iconografia pertinentes ao desenvolvimento. Esses dados resultaram na geração de hipóteses de temas e jogabilidade, segundo a metodologia de Munari (2010); e Schell (2010).

Numa primeira reunião com os professores e diretores da escola, foram decididos os temas e dinâmicas adequadas para jogos, ficando definida a produção de um jogo sobre a dinâmica da lavoura açucareira, a Revolta do Queimado, e os povos que constituíram o estado.

Todos os jogos projetados apresentam propostas de colaboração e socialização. Os jogos deveriam permitir uma determinada quantidade de jogadores (de dois a seis), pois no contexto escolar, as turmas são compostas com uma média de 30 alunos e os jogos deveriam ser pensados para atender essa demanda socializadora e integradora.

A escolha por jogos de mesa (tabuleiro, dados e cartas), em contrapartida aos digitais se deu por dois motivos: o primeiro, por nem todas as escolas municipais apresentarem laboratórios de informática com equipamentos para todos os alunos, e a demanda de recursos e tempo para a produção desse tipo de jogo normalmente ser maior. O outro fator primordial para a escolha dos jogos de mesa foi a socialização e interação no ambiente escolar.

Os jogos projetados possuem peças e características de representação visual simplificadas, cores primárias e secundárias em seus componentes, para facilitar a distinção e identificação. Além disso, apoiou-se na teoria das inteligências múltiplas, de Gardner (2000) e baseou-se principalmente nas inteligências: a) lógico-matemática, através de combinações, cálculos e administração de recursos durante os jogos; b) inteligência espacial, estimulada por deslocamentos de componentes e encaixes em espaços de forma, tamanho e cor semelhantes; inteligência interpessoal, ao ter que negociar e colaborar com outros jogadores durante a atividade lúdica; e a inteligência intrapessoal, traçando metas e objetivos no jogo, organizando ideias e estratégia e desenvolvendo as próprias características ao jogar.

A etapa de desenvolvimento dos jogos se deu seguindo a metodologia de Schell (2010), que propõe que um jogo seja definido a partir de uma ideia inicial, trabalhado em sua dinâmica e mecânica de funcionamento do sistema de regras, implementação do sistema e dos componentes, desenvolvimento da comunicação visual e do projeto gráfico do jogo, e desenvolvimento dos modelos para a realização de quantos testes forem necessários até atingir o protótipo final para a produção.

Foram feitos testes de jogabilidade iniciais antes de apresentar as propostas aos alunos do ensino fundamental, para refiná-las. Após esta etapa, os jogos foram testados (figura 1) em contato com professores e alunos entre 10 e 11 anos, através de observação direta das aulas, com base na metodologia de projeto em design (Munari, 2010).

Durante os testes, os estudantes se mantiveram atentos. Os alunos apresentaram pequena dificuldade na leitura das regras do manual, mas com o auxílio da professora e dos mediadores, esclareciam dúvidas e não tiveram dificuldades em seguir o fluxo de leitura e entendimento das regras.



Figura 1 - Registro dos testes com os protótipos iniciais dos jogos com os alunos de ensino fundamental.

Após verificar a reação do público-alvo perante os objetos lúdicos, a equipe se dedicou a realizar correções e novos testes para propiciar maior assimilação dos produtos finais. Foram definidos os nomes finais para os jogos: A Era do Açúcar; Folia dos Povos; e Queimado: A Revolta



Figura 3 – Protótipos finais dos jogos Folia dos Povos, Era do Açúcar, e Queimado: A Revolta, após revisão e ajustes.

Os ajustes ocorreram, sobretudo, na redação dos manuais de regras. As crianças tiveram interesse em continuar o jogo, e algumas afirmaram, ainda, que seria muito mais divertido e estimulante estudar com esse material de apoio ao ensino. Desse modo, acredita-se que o objetivo do projeto foi alcançado.

O projeto contou, entre os anos de 2014 e 2015 com duas bolsas de extensão, gerou o desenvolvimento de dois trabalhos de conclusão de curso. O material foi submetido no edital ProEX 2014/2015, e contemplado com a produção de exemplares prevista para 2015, em vista de disponibilização para escolas públicas na versão impressa.

CONCLUSÃO

A história, principal tema abordado, é um assunto de grande importância por se tratar de um ator constituinte de consciência histórica e memória. Portanto, consideramos que o projeto atingiu o seu objetivo, que é estimular o ensino da história para estudantes do ensino fundamental.

Enquanto atividade lúdica, o jogo permite ao jogador, além de se divertir, explorar um novo espaço de interação e aprendizado criando experiências com formas, cores e ações, que estimulam o desenvolvimento de habilidades motoras, interpretação e elaboração de estratégias que fazem parte do cotidiano. Portanto, os jogos produzidos, apresentados nesse estudo, foram desenvolvidos com a intenção de auxiliar na compreensão de eventos históricos, permitindo associação com o conteúdo estudado nos livros didáticos, e socialização no ambiente escolar.

Enquanto projetista, o designer de jogos busca compreender e atender as necessidades do público alvo trabalhando o conceito do jogo, seus elementos visuais, e sua forma de interação com o usuário para otimizar a experiência cognitiva entre este e o jogo. O designer ainda enfrenta muitos desafios em relação à compreensão da importância de seu papel como profissional criador e otimizador de experiências lúdicas que contribuem para o desenvolvimento de outras capacidades.

É notável o crescimento da quantidade de designers que se interessam em trabalhar no contexto educacional. A principal motivação para o desenvolvimento deste projeto foi a observação da falta de exploração dos recursos lúdicos e a carência de materiais de apoio ao ensino que estimulem o aprendizado, além dos livros didáticos.

A partir da compreensão da educação como um processo, os jogos estimulam a colaboração entre os envolvidos. Os jogos se reciclam como modalidades formais, no âmbito do discurso e das temáticas abordadas, e de interesses a serem comunicados através de componentes visuais repletos de referenciais exteriores (Xavier, 2010).

Tem-se o jogo como um rico objeto de estudo e expressão artística, cultural, meio de entretenimento e de aprendizado, que está presente na vida das pessoas, introduzindo e apresentando novas formas de comunicação, além de influenciar a sociedade e a cultura, e impulsionar o desenvolvimento das ciências e das tecnologias. É também uma peça que pode ser produzida e utilizada por muitas pessoas, que merece ter um tratamento e acompanhamento profissional em todo o processo de planejamento e desenvolvimento.

Jogos são um eficaz meio para estimular a aprendizagem dos alunos, pois é uma atividade espontânea e pode, durante seu processo de geração (projeto) e de teste (uso), mobilizar o desejo de conhecer, que é essencial ao processo de aprendizagem em qualquer idade. Entre motivação e aprendizagem existe uma mútua relação, e ambas se reforçam. Logo, infere-se que o êxito na aprendizagem reforça a motivação e a motivação é condição necessária para gerar a aprendizagem.

Conclui-se que os jogos são de extrema importância para estimular o interesse das pessoas em determinados assuntos. Todas as reflexões e os resultados aqui apresentados têm o intuito de pensar a importância do designer de jogos no contexto da educação, visando criar objetos de aprendizagem e de apoio ao ensino adequados e atraentes aos usuários.

REFERÊNCIAS

- CHATEAU, J. O jogo e a criança. 2. ed. São Paulo: Summus, 1987.
- GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. 4ª Edição.
- MUNARI, B. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SCHUYTEMA, P. Design de Games: uma abordagem prática. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- XAVIER, G. A condição eletrolúdica: Cultura visual nos jogos eletrônicos. Teresópolis, Novas Idéias, 2010.
- KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 9. ed.- São Paulo: Cortez, 2006.
- SHELL, Jesse. A Arte de Game Design: Livro Original. Campos, 2010.
- VYGOTSKY, Lev Semiónovic. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SITES CONSULTADOS

- BRASIL. Ministério da Educação. Jogos são opção para ampliar a concentração dos estudantes Disponível na internet por http em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19111:jogossao-opcao-para-ampliar-a-concentracao-dos-estudantes&catid=211&Itemid=164> Acesso em 25 abr. 2014.

EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA - COMUNICAÇÃO

Levando em consideração a presença da comunicação e dos veículos midiáticos na sociedade, percebe-se uma necessidade de discussão sobre os mesmos, por meio de um olhar crítico e diferenciado, e de uma análise sistematizada desses veículos no campo social.

Entendendo a escola como um ambiente central na formação do indivíduo como cidadão e ser social, vê-se nela um lugar propício para a discussão proposta. Nesse sentido, as Oficinas de Educação para a Mídia representam uma forma de mostrar que os produtos comunicacionais são feitos de um lugar hegemônico e com um propósito, de forma a explicitar a ideia de que tudo é passível de questionamento e discussão.

Conforme prevê o artigo XIX da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”. O grande contingente informacional que se recebe todos os dias é incontestável. Porém, muitos teóricos vêm questionando se a programação dos veículos de comunicação tem atendido aos deveres que lhes são atribuídos enquanto função pública (BOURDIEU, 2000; FERRÉS, 1996; PENTEADO, 1991), tais como a preferência por conteúdos com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; a promoção da cultura nacional e regional; o estímulo à produção independente; a regionalização da produção cultural artística e jornalística e o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, conforme prega a Constituição Brasileira em seu artigo 221.

EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA

O projeto Educação para a Mídia é desenvolvido desde 2013 por estudantes e professores do curso de Comunicação Social e por pesquisadores do Programa de PósGraduação em Política Social da UFES. Sua atividade principal consiste na realização de oficinas de leitura crítica da mídia nas escolas públicas da Grande Vitória. A proposta tem foco na promoção da educação midiática

Coordenador: José Edgard Rebouças
Colaboradores: Franciani Bernardes Frizera e Esther Ramos Radaelli
Bolsista extensionista: Karoliny Ferreira Siqueira
Voluntários: Elisa Tavares, Isabella Rodrigues, Julia Couto, Mayra Scarpi, Renata Andrade, Stefhani Paiva e Tereza Dantas.

de crianças e adolescentes a partir da exposição e discussão de conteúdos veiculados nos meios de comunicação.

O principal objetivo do projeto é promover a educação midiática de jovens por meio de oficinas de leitura crítica realizadas nas escolas. As oficinas são realizadas por meio de exposição e discussão de fatos midiáticos. Desta forma, pretende-se contribuir para a formação de sujeitos mais conscientes acerca das mensagens transmitidas e mais autônomos no processo de criar e transmitir informação.

As oficinas são constituídas por quatro modalidades: Jornalismo, Publicidade, Telenovelas e Produção audiovisual. Visto que nesta última, a proposta principal é incentivar a participação dos estudantes na criação de novos conteúdos, transformando-os em autores no processo comunicacional. Com o auxílio da equipe de oficinairos, os estudantes tornam-se peça fundamental para a realização das atividades, sendo eles papéis principais no processo de produção de conteúdos.

Para a realização das oficinas, percebeu-se a necessidade da formação de um grupo de estudo. Nessas reuniões são discutidos alguns textos com principais referências teóricas de Comunicação e Educação. Essas reuniões ocorrem antes e depois das oficinas, com o objetivo de preparação e atualização dos conteúdos.

De 2013 até o primeiro semestre de 2015 foram realizadas oficinas de Educação para Mídia em escolas nos municípios de Vitória e Serra. Em cada escola, as atividades foram realizadas durante quatro dias, com duração aproximada de duas horas cada uma. Durante as oficinas são mostrados slides que possuem imagens, perguntas e vídeos sobre diferentes assuntos, tratados pelos meios de comunicação. O objetivo é possibilitar e promover algumas discussões sobre os temas. No caso da oficina de “Jornalismo”, foram colocadas as seguintes perguntas aos estudantes: “o que vocês entendem por mídia?” Em seguida foram feitos outros questionamentos: “como você se informa? Discute sobre as notícias com alguém? Com quem? Já imaginou como seria o mundo sem notícias?”. Partindo das respostas, surgiam outras perguntas e

questionamentos, ao modo de compreensão da relação dos estudantes com o tema abordado.

Na oficina de produção audiovisual os estudantes colocam em prática tudo que foi discutido e absorvido durante as três últimas oficinas. Os estudantes têm liberdade para produzirem o que quiserem e ainda podem escolher a forma como os vídeos serão editados. Durante o processo de produção os jovens saem pela escola para gravar o que quiserem e quando voltam, explicam o porquê dos assuntos abordados. Após essa discussão os adolescentes recebem instruções básicas das oficinairas sobre qual o plano de vídeo podem utilizar, além de sugestões sobre roteiro, direção e trilha sonora, em seguida gravam outro vídeo, desta vez com melhor preparo técnico.

A maioria dos conteúdos produzidos até agora têm sido mensagens de denúncias ou histórias fictícias contadas por eles mesmos. Os estudantes criam, atuam e dirigem a produção dos vídeos por meio dos seus próprios recursos, enfatizando a ideia de que eles mesmos podem emitir os conteúdos. Geralmente alguns grupos

reproduzem telejornais que fazem parte de seus cotidianos, retalando vivências dos seus bairros e comunidades.

Além dos slides, são realizadas dinâmicas, contribuindo com a interação e participação dos alunos durante as oficinas.

No decorrer das oficinas, perceber-se a evolução participativa das turmas. Os jovens vão desenvolvendo o seu senso crítico em vários momentos das atividades e se envolvendo de forma cada vez mais ativa com os assuntos tratados. O apoio das escolas e das equipes pedagógicas é de fundamental importância para o desenvolvimento e realização do trabalho.

Durante os encontros é possível perceber que os adolescentes apresentavam um pensamento já formado, sejam pelos pais, amigos, ou pelo próprio consumo midiático. Diante disso percebe-se a necessidade de mais discussões sobre os meios de comunicação, não só para os estudantes, mas também a qualquer cidadão comum.

Após algumas semanas, as oficinairas voltam à escola para apresentar os vídeos e o Blog onde o todo o material produzido está publicado, facilitando dessa forma, o acesso aos estudantes.

O projeto de extensão consegue alcançar crianças e adolescentes em diferentes municípios da Grande Vitória, promovendo a leitura crítica e a produção de vídeos, certa contribuição na formação sujeitos capazes de compreender, interagir e modificar a sociedade.

Durante as oficinas são aplicados dois questionários, anterior e posterior a realização das atividades. Os questionários apresentam perguntas simples, mas que são de utilidade para desenvolvimento de pesquisas e elaboração de artigos científicos. A partir desse material foram publicados recentemente dois trabalhos no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom Rio 2015, o primeiro com o título “Educação para a Mídia nas escolas: da Análise Crítica à Produção Independente”, que tem objetivo de relatar as primeiras experiências de oficinas nas escolas; e o segundo intitulado “Leitura Crítica da Mídia: Encorajando a Participação de Estudantes na Sociedade a Partir do Projeto Comunicaê”, com o objetivo de oferecer propostas de ação para incentivar a plena participação na sociedade utilizando uma abordagem da pedagogia da inclusão social e da visão de Paulo Freire.

Ao fim das oficinas, muitos estudantes recomendam as atividades para a família, amigos e principalmente outras escolas. Questionados sobre a interação com os pais referente às oficinas, os adolescentes manifestaram-se dizendo que muitos passaram a olhar a mídia de outra forma, com uma visão mais crítica que antes.

A extensão além de possibilitar e promover um olhar diferenciado nas crianças e adolescentes, tende a aproximar os jovens dos meios de comunicação que para alguns é uma realidade distante, levantando algumas discussões em busca da inclusão social.

O projeto atende também ao tópico de que o Curso de Comunicação Social da Ufes deve “permitir ao estudante e futuro profissional posicionar-se sobre a atuação dos trabalhadores da comunicação; sobre o exercício do poder da comunicação; sobre os constrangimentos a que a comunicação pode ser submetida; sobre

as repercussões sociais que ela enseja e sobre as necessidades da sociedade contemporânea, sempre em uma perspectiva de respeito aos direitos humanos, sociais, políticos e culturais; às liberdades; à pluralidade e à diversidade; à justiça social e à democracia, inclusive na área da comunicação”, segundo as diretrizes curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC).

A extensão envolve temas referentes a Educação, Comunicação e a Cidadania, sendo assim a participação de estudantes, voluntários e pesquisadores consegue abranger não só estudantes de Jornalismo, mas também da Publicidade e do Audio-visual. Lembrando que todo este projeto está inserido nos princípios e atividades do grupo de pesquisa e ação Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência.

OBJETIVOS:

- Contribuir para uma recepção mais crítica acerca do conteúdo midiático transmitido cotidianamente nos meios de comunicação.
- Analisar hábitos de consumo midiático dos jovens participantes assim como seu contexto de recepção midiático.
- Analisar a possível influência do contexto de recepção dos jovens em seus hábitos de uso e consumo midiático assim como seu poder de análise crítica diante dos conteúdos consumidos.
- Auxiliar os estudantes na produção de vídeos que se relacionem com o tema da oficina.
- Colaborar com a formação dos estudantes de Comunicação Social proporcionando experiências que mostrem a percepção da dinâmica comunicacional para além da universidade.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CURRÍCULO 2004 do curso de Comunicação Social: Resolução nº 25/2003. Vitória: Ufes, 2003.
- FERRÊS, Joan. Televisão e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MINISTÉRIO da Educação. Resolução CNE/CES 1/2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1º de outubro de 2013, Seção 1, p. 26.
- PENTEADO, Heloíza Dupas. Televisão e escola: conflito ou cooperação? São Paulo: Cortez, 1991.
- PERUZZO, Cicilia. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. 2011
- _____. Revisitando os conceitos de Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa. 2006.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/ Educação: emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais, Contato, Brasília, Ano 1, N 1, jan/mar. 1999.
- _____. Uma educomunicação para cidadania. 2005.
- _____. Sobre educomunicação, seus procedimentos e metodologias. Acesso em 2015:
- THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

IMERSÃO EM DESIGN NA AGROINDÚSTRIA

INTRODUÇÃO

A atividade Imersão em Design na Agroindústria (SIEX 400948) teve como objetivo colocar a competência acadêmica a serviço da comunidade por meio do auxílio à solução de problemas na agroindústria capixaba de pequeno porte, motivando os estudantes do curso ao mesmo tempo em que os aproximou da prática profissional. A estratégia consistiu em articular ensino, pesquisa e extensão em uma experiência imersiva para sete estudantes do Curso de Design da Ufes no contexto das agroindústrias familiares do município de Barra de São Francisco, no segundo semestre de 2014. O projeto foi desenvolvido em parceria entre o Curso de Design da Ufes, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes) Campus Barra de São Francisco¹, Prefeitura Municipal de Barra de São Francisco e Instituto Sindimicro².

AGROINDÚSTRIA E DESIGN

Segundo Prezotto (2002a) a agroindústria de pequeno porte é uma unidade industrial de transformação e/ou beneficiamento de produtos agropecuários em escala não industrial tradicional (comparada à grande agroindústria), situada no meio rural e gerenciada pelos próprios agricultores. Nesse contexto, as próprias famílias trabalham no negócio, produzindo inclusive as matérias-primas utilizadas. As tecnologias empregadas não são muito sofisticadas e a escala de produção reflete esse arranjo da mão de obra reduzida, tecnologias simples e tamanho das instalações. A diferenciação dos produtos da agroindústria, principalmente pelo potencial de estabelecer índices de qualidade ampla, com preocupações ecológicas, sociais, culturais e de aparência (PREZOTTO, 2002b), é um dos diferenciais desse tipo de negócio. O Design é uma fonte de vantagem competitiva e fator de rentabilidade econômica em qualquer setor (DDI, 2005), e vem sendo utilizado sistematicamente no Brasil, América Latina e Europa como estratégia para inovar em processos e produtos da agricultura familiar (MERINO, MERINO, PEREIRA E VIEIRA, 2009), da agroindústria de pequeno porte (MARTINS, MERINO E DEMARCHI, 2006), na preservação e valorização da identidade e qualidades regionais

Coordenador: Hugo Cristo Sant'Anna

¹ Disponível em <http://www.ifes.edu.br/barra-de-sao-francisco>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

² Disponível em www.sindimicro-es.com.br

(VALCKE, 2004). Pereira et al (2004) explicam que, apesar da qualidade de origem, da experiência e vocação dos pequenos produtores, os produtos da agricultura familiar têm dificuldades para comunicar tais atributos aos seus consumidores em potencial por adotarem soluções de design pouco eficientes nos rótulos e embalagens. Nesse sentido, Merino et al (2003) afirmam a importância de designers atuarem em parceria com a agricultura familiar na melhoria da identificação da origem e valorização da qualidade dos produtos; na correta inclusão de informações em conformidade com a legislação; na padronização dos rótulos; no tratamento dos aspectos simbólicos dos produtos, valorizando questões regionais e culturais; nas preocupações ergonômicas – manuseio e transporte da embalagem, visualização da informação; na diferenciação dos produtos frente aos concorrentes; e na consideração da realidade dos produtores, tanto quanto à localidade na qual habitam quanto à sua capacidade de investimento em Design.

ENSINO DE DESIGN NA UFES E A AGROINDÚSTRIA

O Curso de Design da Ufes aborda, ao longo da sua grade curricular, os conhecimentos necessários para que os estudantes atuem em parceria com os agricultores nos aspectos descritos anteriormente. No entanto, muitas vezes as disciplinas discutem tais conteúdos em situações hipotéticas, descontextualizadas, ou sem as limitações que existiriam fora dos muros da universidade – orçamento restrito e prazo curto para implementar as ideias, limitações de fornecedores e insumos, além do risco de as propostas não gerarem o resultado esperado e resultarem em prejuízo para os demandantes. A imersão na realidade dos agricultores familiares de Barra de São Francisco foi estruturada de forma que os estudantes pudessem aplicar e refletir acerca dos conhecimentos construídos em sala de aula em situações concretas e limitações reais. O grupo vivenciou o cotidiano dos agricultores, participando ativamente da pesquisa e desenvolvimento de soluções inovadoras adequadas à realidade local (especialmente quanto aos fornecedores, tecnologias de produção e insumos disponíveis no município), objetivando a melhoria na identificação (design de identidades visuais), transporte, exposição e comercialização (design de embalagens e do ponto de venda) dos produtos da agroindústria, contribuindo para o aumento da renda das famílias envolvidas no projeto e para a valorização da identidade dos produtos regionais.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

A atividade de extensão foi desenvolvida ao longo dos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2014, com os seguintes participantes: quatorze agricultores familiares inscritos no curso Pronatec Agricultor Familiar, oferecido pelo Ifes Campus Barra de São Francisco; sete estudantes do Curso de Design da Ufes; a professora do Ifes responsável pelo curso Pronatec; o professor coordenador do projeto na Ufes; um técnico em agropecuária e o secretário municipal de agricultura de Barra de São Francisco; quatro colaboradores do Instituto Sindimicro, associação sem fins lucrativos que apoia grupos de empreendedores.



Figura 1 – Reunião de planejamento Ifes, Ufes, Prefeitura Municipal e Instituto Sindimicro

Figura 2 – Visita à feira livre de Barra de São Francisco para conhecer os produtos regionais



Figura 3 – Produtos regionais na feira de Barra de São Francisco sem identificação e embalagens inapropriadas

Figura 4 – Produtos regionais sem identificação

O coordenador do projeto na Ufes, a coordenadora do curso Pronatec do Ifes, o secretário municipal de agricultura de Barra de São Francisco e representantes do Instituto Sindimicro estabeleceram os objetivos do projeto e a participação das instituições. Foi definida a realização de uma mostra dos produtos regionais no mês de dezembro, que pudesse sintetizar tanto os conhecimentos construídos pelos agricultores no curso Pronatec (boas práticas de produção, higiene, padronização das receitas, segurança do trabalho) quanto incorporar as identidades e embalagens que seriam construídas em parceria com os estudantes da Ufes. A Prefeitura se comprometeu a viabilizar a mostra (stands, interdição do trânsito), enquanto a divulgação e apoio à infraestrutura do evento ficou sob responsabilidade do Instituto Sindimicro. O município de Venda Nova do Imigrante, cujo circuito do agroturismo e estrutura da agroindústria já se encontram consolidados, foi definido como referência para o projeto.

21 DE OUTUBRO – VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Os estudantes de Design da Ufes realizaram pesquisa das práticas vigentes de grupos de produtores rurais do município de Venda Nova do Imigrante. O grupo foi recepcionado no Ifes local, onde conheceu as salas de aula, laboratórios de apoio didático e demais instalações relacionadas ao curso de agroindústria.



Figura 5 – Equipe parte da Ufes para visita técnica a Venda Nova do Imigrante



Figura 6 – Visitação nas agroindústrias



Figura 7 – Registro das embalagens



Figura 8 – Registro do paisagismo das propriedades

O diretor geral do campus ministrou uma pequena palestra para os estudantes, contando a história da organização da agroindústria de Venda Nova nos últimos 15 anos, para em seguida visitarem algumas propriedades do arranjo produtivo local: Sítio do Tio Vé, Produtos Carnielli, Vinhos Tonoli e Tia Cila e Claudia. Além dos processos de fabricação, os estudantes puderam conhecer e registrar imagens sobre os pontos de venda, embalagens e demais estratégias de comunicação adotadas pelos produtores locais.

10 A 14 DE NOVEMBRO – IMERSÃO

Ao longo de uma semana, os estudantes foram hospedados nas propriedades rurais em duas regiões de Barra de São Francisco: Córrego do Itá e Santa Angélica. Os estudantes apresentaram aos agricultores o que haviam registrado na visita a Venda Nova do Imigrante, ao mesmo tempo em que conheceram as tradições e práticas dos

agricultores. Durante essa convivência, agricultores e estudantes de design construíram coletivamente as soluções para identificação, embalagem e exposição dos produtos regionais. O grupo também visitou os fornecedores locais (gráficas, lojas de embalagens) para estabelecer as restrições para a produção gráfica das soluções geradas, além de realizar entrevistas com frequentadores da feira livre empresários da cidade acerca das percepções sobre os produtos regionais.



Figura 9 – Equipe da Ufes apresentando o levantamento realizado em Venda Nova para os agricultores



Figura 10 – Equipe da Ufes trabalhando nas propriedades



Figura 11 – Fabricação artesanal de queijos

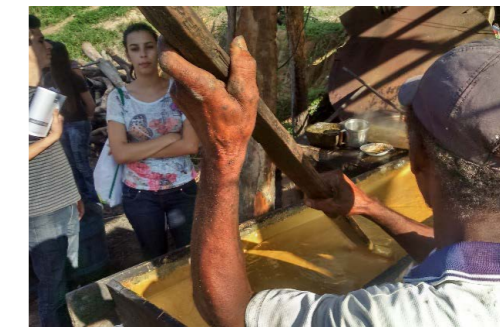


Figura 12 – Engenho de cana de açúcar



Figura 13 – Pesquisa de campo na feira livre



Figura 14 – Prototipagem

No último dia da imersão, foi realizada a apresentação e discussão das identidades e protótipos das embalagens, visando coletar sugestões e melhorias que seriam feitas antes da realização da mostra. Foram desenvolvidas um total de sete identidades e diversas opções de embalagens que poderiam ser mantidas e melhoradas continuamente conforme as necessidades dos agricultores.



Figura 15 – Apresentação do processo



Figura 16 – Estudantes apresentando identidades



Figura 17 – Discussão dos protótipos



Figura 18 – Identidades visuais desenvolvidas

16 DE NOVEMBRO A 11 DE DEZEMBRO – PRÉ-PRODUÇÃO DA MOSTRA

De volta à Ufes, os estudantes aprimoraram e refinaram as soluções desenvolvidas em Barra de São Francisco, tendo em vista a preparação das identidades, embalagens e comunicação visual dos stands da mostra de produtos regionais. Nesse período, o coordenador do projeto na Ufes mediou a relação com as gráficas de Barra de São Francisco.

12 E 13 DE DEZEMBRO – MOSTRA DA AGROINDÚSTRIA FAMILIAR

Na sexta-feira, o grupo de estudantes retornou para Barra de São Francisco para construir, junto aos produtores, todas as embalagens e montar a comunicação visual dos stands da mostra, realizada no sábado. A prefeitura organizou o espaço da mostra em uma rua perpendicular à da tradicional feira municipal, de forma que a população

pudesse perceber a diferença na qualidade e na apresentação dos produtos que resultaram do projeto



Figura 19 – Acompanhamento dos agricultores nas gráficas da região para impressão das embalagens



Figura 20 – Montagem das embalagens



Figura 21 – Montagem das embalagens nas propriedades



Figura 22 – Embalagens prontas



Figura 23 – Equipe preparada para a Mostra



Figura 24 – Produtos



Figura 25 – Produtos



Figura 26– Produtos



Figura 25 – Produtos



Figura 26– Estudantes informando a população



Figura 27 – Comunicação visual dos stands



Figura 28– Visitantes da feira

A repercussão da mostra foi extremamente positiva, com praticamente todos os produtos de todas as famílias comercializados antes do término da feira. A mostra foi notícia nos principais veículos da cidade³, além do portal do Instituto Federal do ES⁴

e na rádio CBN Vitória⁵. Desde então, oito dos 14 participantes do projeto ampliaram a produção e continuaram a investir na estruturação das suas respectivas agroindústrias, tanto quanto às boas práticas alimentares quanto à gestão da sua identidade visual.

FUTURO DO PROJETO

No início de 2015, foi realizada uma reunião de avaliação entre os representantes do Ifes Campus Barra de São Francisco, Ufes e Prefeitura de Barra de São Francisco, com intuito de definir as ações para 2015:

- Ampliação da equipe de estudantes da Ufes envolvidos: o Escritório-Modelo de Projetos⁶ do Curso de Design, em fase de planejamento, já conta com cerca de 20 alunos envolvidos na continuidade do projeto em Barra de São Francisco;
- Inclusão de estudantes do campus Ifes de Barra de São Francisco por meio do “Programa de Apoio a Agroindústria Familiar do Noroeste Capixaba”, aprovado por aquela instituição e em fase de estruturação.

REFERÊNCIAS

DDI. Estudio del impacto económico del Diseño en España 2005. Sociedad Estatal para el desarrollo del Diseño y la Innovación.

MARTINS, R; MERINO, E.; DEMARCHI, A. Valorização da agroindústria de pequeno porte por meio da gestão de design. Actas de Diseño, nº1, año I, vol. 1, Agosto 2006, Buenos Aires, Argentina.

MERINO, A.; KRUCKEN, L.; PEREIRA, D.; ALTMANN, R. Contribuição do Design na Valorização de Produtos Alimentícios Regionais: Projeto Mafra. In: 2o Congresso Internacional de Pesquisa em Design, 2003. Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: AEND-BR, 2003.

MERINO, G.; MERINO, E.; PEREIRA, D.; VIEIRA, M. Design applied to family agriculture and aquaculture based on social innovation. Proceedings of the First International Conference on Integration of Design, Engineering and Management for innovation IDEMI09. Porto, Portugal, September 14-15, 2009.

PEREIRA, D.; MERINO, E.; PEREIRA, L. K.; ALTMANN, R. Valorização de Produtos da Agricultura Familiar através do Design. Florianópolis: SAR / Instituto Cepa/SC / Funcitec, 2004. 75p.

PREZOTTO, L. Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte. Revista de Ciências Humanas, n.31, p. 133-153, 2002a. _____ . Qualidade ampla: referência para a pequena agroindústria rural inserida numa proposta de desenvolvimento regional descentralizado. In LIMA, Dalmo M. de Albuquerque e WILKINSON, John (Org.) Inovações nas tradições da agricultura familiar. Brasília: CNPq/Paralelo 15, 2002b. P 285-300.

VALCKE, J. El papel del diseño para preservar la identidad y cualidades regionales. In: McDonald, S. (Org). Temas de Diseño en la Europa de hoy. Barcelona: BEDA, 2004.

⁵Disponível em <http://goo.gl/DXD0yB>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

⁶Disponível em http://loop-ufes.org/index.php?title=Escrit%C3%B3rio-Modelo_de_Projetos. Acesso em 10 de setembro de 2015.

³Disponível em <http://goo.gl/9LddAr>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

⁴Disponível em <http://goo.gl/J3cwyw>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

Instantes e Momentos: A Imagem como Fonte de Informação

Docente: Antônio Luiz Mattos de Souza
Cardoso Edna de Assis Ferreira Reis Patrícia
Veronesi Batista Paula Paiva Carvalho
Paulo Roberto Borghi Moreira Amanda
Santos Freire Dicente: Matheus Rocha de
Souza Ramos Bárbara Lima da Fonseca

Imagens são fontes de informação privilegiadas, em especial reproduções fotográficas antigas publicadas em periódicos que circularam no passado e, agora, extintos. A partir da “leitura” dessas imagens, é possível a recuperação de diversas informações, retratadas nelas, da cultura, das relações sociais, das condições econômicas e dos fatos históricos do fim do império e do início do período republicano. Contudo, muitos documentos são perdidos em unidades de informação, devido ao manuseio inadequado, seja por descuido ou vandalismo dos usuários. Preservar as reproduções fotográficas históricas publicadas em periódicos antigos torna-se, portanto, um importante instrumento para preservar e relatar a história de uma sociedade:

[...] preservar é a palavra chave quando pensamos em memória, remetendo à idéia de proteção, cuidado, respeito. preservar é a palavra chave quando pensamos em memória, remetendo à idéia de proteção, cuidado, respeito. Preservar não é apenas guardar algo, mas também fazer levantamentos, cadastramentos, inventários, registros, etc. (apud MENDES; SANTOS; SANTIAGO, 2010, p. 56)

A digitalização de obras raras é uma abordagem tecnológica para a preservação de originais, sendo uma oportunidade ímpar para recuperar a memória bibliográfica. A digitalização possibilita também disponibilizar o conteúdo para o público que muitas vezes não tem a oportunidade de acesso aos originais, seja pelo desconhecimento de sua existência ou devido às questões institucionais que restringem o contato a eles. Nessa abordagem, diferentes recursos da tecnologia da informação são utilizados e, por isso, muitos acervos não são digitalizados devido aos custos financeiros ou ao desconhecimento das ferramentas necessárias para realizá-la. A recuperação, a preservação e a divulgação da memória são um dos pilares essenciais para a construção do conhecimento. Sem memória, perde-se a história e também não há conhecimento nem sociedade, pois a memória cria a identidade

de uma pessoa, de uma instituição, enfim, de uma sociedade. Por isso, a recuperação e a preservação da memória são uma necessidade premente das instituições e da sociedade em geral. Segundo Barbosa e Ribeiro (2007, p. 100),

Nos últimos anos, cada vez mais empresas têm investido em projetos de pesquisa sobre a sua história, muitas vezes criando museus e arquivos com acervos próprios, publicando livros e organizando programas de memória oral, entrevistando profissionais que atuam ou atuaram no seu interior.

O projeto de Extensão “Instantes e Momentos: A Imagem como Fonte de Informação” é vinculada intrinsecamente ao ensino e à pesquisa. Quanto ao ensino, nas disciplinas de cunho tecnológico do curso de Biblioteconomia da Ufes, Tecnologia da Informação I e Automação de Unidades de Informação, são apresentados aos alunos os recursos tecnológicos que são empregados em Unidades de Informação, em especial as Bibliotecas. Os alunos podem, então, aplicar os conhecimentos que foram ministrados em sala de aula no desenvolvimento das atividades do projeto de Extensão. Quanto à pesquisa, alguns itens do acervo de obras raras da seção Coleções Especiais da Biblioteca Central da Ufes, muito rico e valioso, são analisados quanto à relevância para aqueles pesquisadores que buscam imagens históricas para compor suas pesquisas (artigos, dissertações, teses). Esses itens, depois de identificados, são digitalizados, catalogados e indexados num banco de dados digital, desenvolvido especificamente para esse fim. As imagens digitais são armazenadas num repositório específico, compondo um acervo digital mantido na seção de Coleções Especiais. Quando alguma imagem de uma personalidade histórica capixaba é requisitada pelos pesquisadores, a catalogação em banco de dados indexados possibilita a sua recuperação no acervo digital e também a sua localização nos documentos originais, caso seja necessário. Um software de interface ao banco de dados, também desenvolvido exclusivamente para o projeto, permite a busca e a recuperação de informações sobre as imagens armazenadas no acervo, gerando relatórios a partir de palavras-chave que identificam o conteúdo das imagens.

Os alunos, participantes do projeto, têm a oportunidade de participar de todas as etapas de criação das imagens digitais, desde a seleção dos documentos originais, na digitalização, catalogação e indexação das imagens na base de dados. Durante a execução dos trabalhos, os alunos utilizam dois equipamentos diferentes de digitalização, um scanner flatbed e um scanner vertical, empregam um software de criação e manipulação de PDF, além de trabalhar com um banco de dados padrão ODBC. A vivência desses recursos tecnológicos numa biblioteca de grande porte como a Biblioteca Central da Ufes, empregando os conhecimentos de biblioteconomia, permite ampliar a formação e a qualificação profissional dos alunos. Nos artigos publicados nos anais dos mais importantes eventos nacionais de Biblioteconomia e Ciência da Informação (CINFORM, SNBU, CBBB), eles aparecem também como co-autores.

Desde 2012, um total de 1.600 reproduções fotográficas foi digitalizado, compondo um acervo de textos e imagens digitais de alto valor histórico-cultural. Greenhalgh (2011) enumera as vantagens do processo de digitalização de acervos de obras raras:

A principal linha de defesa para o processo de digitalização das obras raras trabalha com a preservação e disseminação desse material, com o argumento de que o processo beneficiará a longevidade dos livros, possibilitando o acesso ao conteúdo, sem a necessidade de manusear o original. Outro argumento favorável à digitalização de obras raras é o fato de ser um facilitador ao acesso e conhecimento dos livros, colocando-os disponíveis à consulta remota e ao alcance de buscadores on-line.

Ainda em 2012, as atividades de preservação e recuperação de memória no projeto de Extensão realizadas na Biblioteca Central possibilitaram a articulação e parceria com o Memorial do Ministério Público do Espírito Santo (MPES), quando algumas ações de preservação da memória foram realizadas naquela instituição com a participação de alguns alunos do curso de Biblioteconomia da Ufes (ESPÍRITO SANTO, 2012).

A manipulação de periódicos antigos em busca de reproduções fotográficas, revelou inúmeras imagens de personalidades históricas capixabas. Essa revelação impactou profundamente os participantes do projeto, que perceberam a importância dessas imagens e decidiram revelá-las para a população capixaba através de eventos na Biblioteca Central da Ufes. Assim, como manifestação artística para a população, a fim de divulgar o projeto e as reproduções fotográficas de cunho histórico-cultural, que foram digitalizadas a partir de periódicos antigos mantidos na Biblioteca Central, uma exposição de fotografias foi montada. Nela, foram expostas as imagens digitalizadas das reproduções fotográficas de personalidades capixabas da primeira metade do século XX e dos diferentes espaços públicos da cidade de Vitória, que são nomeados com nomes dessas mesmas personalidades. Intitulada “História e Cidade”, a exposição foi realizada em 2013 na Biblioteca Central da Ufes. Em 2014, em parceria com o Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (Ifes), essa exposição percorreu outras cidades da Grande Vitória e do interior do Espírito Santo, sendo realizada nas bibliotecas dos diferentes campi do Ifes, a saber: Vitória, Vila Velha, Serra, Guarapari, Aracruz, Venda Nova do Imigrante, Alegre, Linhares, Piúma, Ibatiba e Santa Teresa.

Devido ao sucesso de público dessa primeira exposição, uma segunda exposição de fotografias está sendo elaborada. Essa nova exposição terá como tema “As Representações Femininas da Primeira Metade do Século XX”. Com o pressuposto de que as mulheres tinham pouco espaço na vida social do tempo em questão, a exposição intenta expor as imagens digitalizadas das reproduções fotográficas de mulheres que tiveram suas práticas sociais ou culturais retratadas em periódicos daquele tempo. A exposição está agendada para percorrer novamente todos os campi do Ifes.

Em 2015, além da digitalização das reproduções fotográficas publicadas em periódicos, o projeto iniciou a digitalização de obras raras completas para criar livros digitais num arquivo único no formato Adobe PDF. Primeiramente, foram selecionadas as obras raras, mais requisitadas pelos pesquisadores em suas pesquisas, para serem digitalizadas. O primeiro livro completamente digitalizado e disponibilizado para consulta dos pesquisadores é uma obra publicada pelo governo do Espírito Santo (ESPÍRITO SANTO, 1912), na qual são apresentados os indicadores sócio-econômicos do governo de Jerônimo Monteiro. Essa obra possui apenas um exemplar conhecido, sendo muito requisitada por pesquisadores e, por isso, evitar a manipulação é essencial para a sua preservação. Outras obras raras já estão disponibilizadas para digitalização e criação da sua versão digital. Preservar a memória é construir a identidade de uma sociedade, conforme Lodolini apud Jardim (1995, p. 4) afirma sobre a importância da memória para a sociedade:

[...] desde a mais alta Antigüidade, o homem demonstrou a necessidade de conservar sua própria ‘memória’ inicialmente sob a forma oral, depois sob a forma de graffiti e desenhos e, enfim, graças a um sistema codificado A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos. A vida mesma não existiria – ao menos sob a forma que nós conhecemos – sem o ADN [sic], ou seja, a memória genética registrada em todos os primeiros ‘arquivos’.

Assim, o projeto de Extensão “Instantes e Momentos: A Imagem como Fonte de Informação” trabalha para a recuperação e preservação da memória capixaba ao digitalizar documentos originais históricos que retratam a história do Espírito Santo, evitando a sua manipulação. O acervo digital está à disposição do público capixaba e, em especial, dos pesquisadores na seção de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Ufes.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M.; RIBEIRO, A. P. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. In: Comunicação & Sociedade, vol.28, No. 47. São Paulo: Universidade Metodista, 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/view/737>>. Acesso em: 16 maio 2015.
- ESPÍRITO SANTO (ESTADO). Governador (1908-1912: Jerônimo Monteiro). Mensagem dirigida pelo dr. Jeronymo de Souza Monteiro, presidente do Estado ao Congresso do Espírito Santo na I. sessão da 7ª Legislatura: indicador ilustrado do Estado do Espírito Santo, s.n.t.
- ESPÍRITO SANTO (ESTADO). Ministério Público. Memorial. 2012. Disponível em: <<https://www.mpes.mp.br/Arquivos/Modelos/Paginas/NoticiaSemFoto.aspx?pagina=535&idMenu=308>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- GREENHALGH, R. D. Digitalização de obras raras: algumas considerações. In: Perspectivas em Ciência da Informação. vol.16 no.3 Belo Horizonte jul./sep. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362011000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 maio 2015.

JARDIM, J. A Invenção da Memória nos Arquivos Públicos. In: Ciência da Informação. Vol 25, No. 2. Brasília: IBICT, 1995. Disponível em: <revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/439/397>. Acesso em: 16 maio 2015.

MENDES, Amélia; SANTOS, Charlene; SANTIAGO, Pietro. Preservação do acervo histórico da oficina guaianases de gravuras. Biblionline, João Pessoa, número especial, p. 56-62, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/9624/5236>. Acesso em: 18 maio 2015.

MARÉS: MOVIMENTOS DA ARTE E DA EDUCAÇÃO NA VILA DE MANGUINHOS

O Projeto Marés - Movimentos da Arte e da Educação na Comunidade de Manguinhos está inscrito como Projeto de Extensão coordenado pela professora Ms. Carla Dias de Borba, no Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito (UFES), vigente desde 01 de setembro de 2014 e com previsão de conclusão em 30 de dezembro de 2015.

O projeto envolve a criação colaborativa e afetiva de uma rede de ações artísticas e educativas para crianças da educação infantil, através da arte e da diversidade cultural presente na Vila de Manguinhos, no Município de Serra/ES. A partir do processo de reflexão sobre arte e educação, mais precisamente sobre arte contemporânea na escola, o presente projeto tem como objetivo estabelecer uma relação de escuta e de intercâmbio de saberes com a comunidade, influenciada pela cultura pesqueira, pelas manifestações tradicionais do congo, da capoeira e, sobretudo, pela valorização da oralidade perpetuada por seus moradores mais antigos, os quais tiveram e ainda possuem influência e representação no Centro de Ensino Municipal Infantil “Vovó Ritinha”, localizado na Vila de Manguinhos/ES.

Através do olhar da criança e do propósito para com a interação com as manifestações culturais locais e com a natureza, estabeleceu-se como método de trabalho o processo criativo e colaborativo na criação de atividades para a sala de aula, assim como na elaboração de encontros com a comunidade, a fim de promover o protagonismo da criança em relação à diversidade cultural da comunidade.

Assim, o processo de criação das atividades é entendido como uma experiência de arte colaborativa que se estruturou conforme as situações e desejos que foram apresentados, fazendo com que as crianças passassem a atuar como agentes no acesso e na apropriação de um saber local inserido, o que poderíamos definir como Patrimônio Cultural de Manguinhos.

O Projeto Marés surgiu da constatação da necessidade de pensar e propor a valorização do ensino da arte na educação infantil, de modo a envolver a comunidade e, sobretudo, contextualizar a prática de ensino ao seu público. O projeto teve sua fase de

Coordenadora: Carla Dias de Borba
co-Coordenadora: Tatiana Gomes Rosa

elaboração e concepção entre agosto e setembro de 2014 e o seu início em outubro, atuando no último trimestre do ano letivo, em caráter experimental. Esse projeto foi desenvolvido no espaço de ensino CMEI Vovó Ritinha, localizado na Vila de Manguinhos/ES, o qual é um dos espaços de ensino de educação infantil mais antigos da rede municipal. Devido à estrutura e localização da escola, o espaço oportunizou a viabilização das ações, as quais possuíam um caráter experimental e, ainda de modo colaborativo, concedeu não só o espaço, mas também material educativo e apoio de sua equipe.

Compreender o papel da educação para a sensibilização do indivíduo através da arte e da cultura é um dos grandes alicerces dessa proposta. Além disso, possibilitar o acesso à vivência em arte e cultura fundamentada no espaço de ensino não atingirá somente os educandos e educandas, mas toda a comunidade escolar e local, no qual o Centro Municipal de Ensino está inserido. Professores, responsáveis técnicos, aqueles que zelam pela manutenção do espaço, pais e muitos outros que contribuem com o propósito de difundir as diferentes manifestações artísticas e culturais participaram do “Marés”, no espaço de mediação, a fim de proporcionar o intercâmbio, aperfeiçoamento e troca de experiências e vivências.

Portanto, o projeto propõe o fortalecimento e o apoio às manifestações culturais locais, tendo em vista o pluralismo e a diversidade de expressão, bem como a realização de ações de promoção, manutenção, ampliação e difusão do patrimônio cultural. Cabe citar também o objetivo de promover a integração de linguagens artísticas no espaço de ensino, sensibilizando educandos e educandas, além de educadores, os quais, posteriormente, serão multiplicadores da experimentação vivida.

A introdução da proposta em 2014 se deu a partir da apresentação do projeto experimental às professoras do espaço educativo (CMEI Vovó Ritinha), seguido pelo convite e pela participação via preenchimento da então criada plataforma de desejos e ideias. Em formato de carta, foi entregue um questionário desenvolvido após a reunião de apresentação do projeto, visto que percebeu-se que as possibilidades de conexões entre a escola e a comunidade eram e são profundas, assim como a diversidade de ideias para a construção das atividades. Dessa forma, pensamos em ativar uma plataforma de desejos e ideias, na qual foi apresentado um panorama das possíveis conexões e ações que respaldaram o desenvolvimento das atividades na escola. Essa concepção segue as premissas presentes nas reflexões levantadas pelo escritor e curador argentino Reinaldo Laddaga, em seu livro “Estética da emergência”¹, o qual nos mostra diferentes projetos artísticos que se articulam por meio de redes de colaboração entre pessoas de diversas origens e formações, artistas e não-artistas. Ou seja, propostas que assumem a produção colaborativa complexa e hibridizada de caráter transdisciplinar em ‘comunidades experimentais’.

As novas ecologias culturais presentes na fundamentação desses projetos estão predispondo outras regras, as quais geram modos representacionais em formas de socialização experimentais. Assim, quando é assumida a ideia de arte colaborativa como eixo de criação e alteridade no Projeto Marés, a instância da experimentação e criação coletiva acabou por nortear as ações desenvolvidas. Os espaços da

comunidade, as formas de representação das manifestações culturais presentes na Vila de Manguinhos, os hábitos e histórias passaram a ser o material do laboratório ao ar livre que se estabeleceu entre a comunidade escolar e a comunidade da Vila de Manguinhos, buscando gerar outras formas de pensar a coletividade e a arte.

As práticas educacionais, corporais e artísticas foram propostas de modo a estimular o afloramento de ideias, percepções e curiosidades sobre a diversidade cultural presente na Vila de Manguinhos. O encontro entre aspectos da arte contemporânea, como o corpo, as diferentes linguagens artísticas e a interdisciplinaridade com a pluralidade dos saberes referentes às manifestações culturais da comunidade foi a plataforma de discussões e criações de ações junto às crianças da educação infantil do CMEI “Vovó Ritinha”.

O mar foi, e ainda é, o elemento central para a criação das propostas artísticas, tanto pelas simbologias que carrega quanto por seu papel crucial no processo social, econômico e cultural da comunidade em questão. Esse elemento agrega as relações entre a cultura pesqueira, a oralidade, a devoção a São Sebastião e ao congo e, a devoção à Sant’Anna, padroeira da vila. Todas as manifestações tradicionais e culturais da região têm o mar como o delineador de histórias e mistérios e são esses elementos os eixos de trabalho do Projeto Marés. Assim, o mar e suas marés representam o caráter dinâmico do projeto que, além de estabelecer diálogos extramuros da escola, pretende estender suas águas às outras margens, dialogando, interagindo e experimentando.

A publicação História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil (Brasil/SECADI, 2014) ressalta, em sua introdução, as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” e aponta, entre os eixos norteadores das práticas pedagógicas que compõem o currículo da educação infantil, para a importância da garantia de experiências que “possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade” (Resolução CNE/CEB n. 5/2009).

A obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira como conteúdo dos currículos do ensino básico ao superior é uma ferramenta estratégica para a promoção da diversidade no cotidiano escolar e tem respaldo na legislação máxima que regula a educação no país, a Lei de n. 9.394, de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Após promulgada a Lei n. 10.639, em 2003, o Conselho Nacional de Educação deliberou pela aprovação do parecer que estabeleceu as “Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras”, como mecanismo formal de fazer valer a Lei do ano anterior. Ana Lúcia Silva Souza, na coletânea Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, publicação do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), propõe “a escola como espaço de socialização”. Orienta ainda que essa deve se constituir como “um espaço em que as relações interpessoais, os conteúdos e materiais constituam o diálogo entre culturas, que tragam não apenas as histórias e contribuições do ponto de vista europeu, mas também as histórias e

¹ LADDAGA, Reinaldo. Estética da Emergência: a formação de outra cultura das artes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

contribuições africanas e afro-brasileiras” para o currículo. A autora ressalta, como oportuno para a mediação, a compreensão de que o mediador deve atender aos estudantes e às suas diversidades. Para Souza, é necessário pensar no processo de construção do conhecimento sob a perspectiva do respeito à singularidade dessa etapa de vida, sua interrelação com a construção de identidade, a autonomia, a interação cultural com a comunidade em que mora ou atua, produzindo saberes sociais e subjetivamente significativos (Souza, 2006, p. 8687).

No desenvolvimento cotidiano do projeto, as atividades semanais previstas aconteceram durante o horário dedicado às aulas de artes. Após o primeiro momento de conversa com as crianças, foram realizadas atividades de experimentação e criação com diferentes materialidades em desenho, escultura, pintura, colagem, fotografia, projeção de imagens, etc. As ações passavam a ser o desdobramento das conversas e discussões. As atividades foram todas realizadas no espaço externo da escola, ou seja, no pátio, e relacionavam, fundamentalmente, a realização de rodas de conversa, contação de histórias vinculadas à matriz africana e sua relação com a natureza, assim como histórias da comunidade.

Para exemplificar o que foi proposto, elencaremos algumas atividades marcantes, não necessariamente em sua ordem de execução, mas em sua repercussão no espaço de ensino. A primeira delas foi a vivência realizada na Vila, na qual os educandos e educandas participantes realizaram a caminhada até a praia, além da intervenção “o barco e o pescador”, na qual foi realizada a intervenção com tinta têmpera em um dos barcos de trabalho de um dos pescadores. Cabe citar também a “vivência com os pescadores da Vila”, na qual um dos mais experientes, Senhor Alcimar Aguiar, irmão de uma das educadoras mais antigas da instituição de ensino, se dispôs a conversar com as crianças respondendo às questões e curiosidades sobre sua profissão. Essa ação foi permeada pelas ações “os peixes do meu mar”, ao tratar da diversidade, e “calendário lunar”, ações anteriores que se justificam pela referência histórica para os que lidam com o mar e se orientam pelos ciclos da lua e de seus movimentos.

O mar esteve envolto de relações simbólicas, como citado acima, fundamentadas em arquétipos mitológicos afro-brasileiros que fazem referência a ele. Relacionando seus elementos, estéticas e relações com a natureza, as proposições “histórias da vovó roxinha e o manguê”, oportunizaram a contextualização da importância desse meio como o berço da vida marinha, com o elemento barro. Em “A rainha azul e seus guerreiros”, o arquétipo da “rainha do mar” foi revisitado e, “princesas e príncipes do reino amarelo em ação, cuidando das águas e colorindo o fundo do mar!”, tratou do elemento água doce, refletindo a importância do cuidado e da preservação desse recurso para a nossa sobrevivência.

Em “mastro de guerreiros e guerreiras” destaca-se a reverência e devoção à padroeira da comunidade, recriada em personagens guerreiros idealizados pelas crianças, ou seja, as crianças criaram o seu guerreiro ou guerreira ideal.

Por fim, a realização do “banho de bacia à fantasia” se fez em referência ao tradicional cortejo de carnaval do vilarejo, o “banho de mar à fantasia” que, segundo

os mais antigos, se dá pela iniciativa de uma mãe que vestiu seus filhos com fantasias de papel crepom para o festejo de então e, finalizavam a festa com o banho de mar espalhando e misturando cores à festa de carnaval.

O encerramento das ações do ano de 2014 do Marés, no Centro Municipal de Ensino Vovó Ritinha, se deu com a realização da intitulada “Exposição Intercâmbio de Saberes com fotografias e experiências em arte e patrimônio cultural vivenciadas pelas crianças do CMEI Vovó Ritinha”, realizada no dia 12 de dezembro de 2014, em uma das construções mais antigas da Vila, a casa da Dona Herondina, o atual Ponto de Cultura Dona Herondina, na Vila de Manguinhos. Nessa oportunidade foram expostas as atividades “A princesa azul e amarela e seus guerreiros”; “O Barco e o Pescador”; “Calendário Lunar: Cada um criando o seu céu”; “Os peixes do meu Mar”; “Entre o céu e a terra: os mastros de nossos protetores”; “Banho de bacia à fantasia”, com a “Performance Banho de mar à fantasia: Fios-de-contas e a princesa azul”, realizada pelas colaboradoras do espaço de ensino, além da apresentação - ensaio do Congo de Manguinhos da Serra/ES.

Ainda estão previstos, nas ações do projeto, a realização de um evento/encontro que contará com diferentes ações culturais definidas em parceria com a gestão do Ponto de Cultura Dona Herondina e a criação de uma publicação que vêm com o propósito educativo e informativo sobre o patrimônio cultural local, partindo das experiências de arte e educação realizadas, no CMEI Vovó Ritinha.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a autoestima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC, 2005. Disponível em: portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: junho de 2015. BRASIL, Ministério da Educação, SECAD. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.
- LA ROCCA, Cesare de Florio; BIANCHI, Ana Maria (org.). Arteducação: vida cotidiana e Projeto Axé. Salvador: EDUFBA; Projeto Axé, 2008.
- LADDAGA, Reinaldo. Estética da Emergência: a formação de outra cultura das artes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. Ensino Médio. In: MEC / SECAD. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006, p. 7796.

Ser, Presença e Encontro na Arte de Marina Abramovic

Coordenadora: Fabíola Menezes
Participante do Programa de Iniciação Científica-PIBIC/2014. Tema: Performance e Participação em Marina Abramovic.

Dicente: Maria de Fátima Gonzaga
Participante do Grupo de Extensão: GEMPA – Grupo de Estudos em Metodologia de Pesquisa em Artes – Registro nº 4800/2013.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Maurício Gonzaga

“O encontro com a arte renova o sentido da experiência humana.”

Danilo S. de Miranda, Diretor do SESC São Paulo

Desde os primórdios da civilização o corpo é usado como forma de expressão: na dança, nos rituais, nas celebrações e nos grafismos indígenas. No campo das artes a Performance Art é a modalidade que utiliza o corpo e a presença do artista como suporte do trabalho em ações efêmeras. Grandes nomes que fizeram a história da humanidade referem-se a esse tema como uma forma de transcendência, um meio de elevar o homem à sua natureza divina. Para a escritora e filósofa francesa Simone De Beauvoir (1908-1986) “é na arte que o homem se ultrapassa definitivamente.”

Marina Abramovic, ícone mundial da arte performática, nasceu em Belgrado, Sérvia em 1946 e por meio das obras imateriais que apresenta desde a década de 70, parece tentar ultrapassar os limites físicos e mentais do ser humano. Com seu trabalho e suas buscas pessoais desenvolveu o Método Abramovic, que propõe trazer para o momento presente as pessoas que na atualidade estão cada vez mais aprisionadas pelas novas tecnologias imersas num ambiente virtual, num mundo onde o presente é negligenciado, quicá esquecido. O presente é um momento de ações e de escolhas. Agir e fazer escolhas envolve decisão e coloca o indivíduo em contato com suas potencialidades.

As mostras da artista desde 2010, culminando com Terra Comunal–Marina Abramovic+MAI em 2015 no Brasil, tiveram esse enfoque. Trata-se da maior retrospectiva de suas obras na América do Sul. No SESC Pompéia em São Paulo, estiveram reunidos trabalhos com cristais com os quais o público podia interagir. A exposição apresentou o Método Abramovic, exercícios de duas horas e meia de duração e que se assemelham a uma aula de meditação, o oposto do ritmo acelerado do paulistano e da maioria das pessoas na atualidade. Oito artistas brasileiros participaram do evento com a exibição de performances de longa duração. Cinco delas foram realizadas durante todo o período de visitaçã

e as outras três apresentadas como intervenções pontuais. A participação desses artistas começou desde o momento em que ficaram isolados num sítio praticando exercícios e atividades cujo objetivo foi prepará-los para o enfrentamento das dificuldades e manterem-se focados e conectados com o presente. A seleção de vídeos que exibem as performances de Marina Abramovic ao longo da história faz da exposição um espetáculo para ser visto e vivido sem preocupação com o relógio. Na entrada havia um painel com a seguinte inscrição: “Todo o meu trabalho agora é sobre o tempo. É sobre o fato de que, na verdade, ao estar presente, você pode parar o tempo - você não pensa no passado ou no futuro, você apenas está lá e tudo se transforma na idéia do aqui e agora.” Marina Abramovic.

O que levou-me a buscar a participação no método em abril do corrente ano foram a minha busca pessoal e o vislumbre da possibilidade de, como estudante de artes plásticas, vivenciar momentos de apreciação da arte performática, tema da minha pesquisa no projeto de Iniciação Científica 2014. O desejo de participar da experiência da qual consiste o método, levou-me a fazer todo um movimento para ver a mostra. Vencendo todas as dificuldades surgidas, estive em São Paulo em abril do presente ano e tudo foi se encaixando permitindo minha participação tanto na apreciação da mostra quanto na participação no método e no encontro com a artista no auditório à noite.

Como participante, afirmo que o que parece muito fácil à primeira vista ao ser experienciado demonstra o contrário. Sem meus pertences que foram deixados num armário exclusivo, recebi orientações e exercícios de relaxamento para os músculos, visão e respiração, aplicadas pela artista com demonstração da coreógrafa e performer Linsey Peisinger, através de vídeo na ante-sala. No espaço construído pela arquiteta modernista ítalo-brasileira Lina Bo Bardi

(1914-1992), segundo a artista uma “fábrica de energia”, interagi juntamente com outras 95 pessoas, durante cerca de 2h e 30 min com os Objetos Transitórios, construídos com 1,5 toneladas de matéria prima adquirida no Brasil. Esses objetos são esculturas-aparelho e incluem cadeira, bancos e camas numa combinação de madeira e cristais com propriedades energéticas características.

O grupo foi dividido em dois blocos e após recebermos um fone de ouvido para isolar os sons externos, subdivido em quatro. Fui conduzida pelo instrutor do método para desenvolver os exercícios de meditação e introspecção nos objetos em várias posições. A primeira de pé em totens com cristais incrustados na altura dos quadris, do peito e do topo da cabeça. A segunda posição deitada numa cama com cristal cravado na cabeceira e a terceira sentada em bancos também com cristais cravados e a quarta em pé caminhando devagar. O instrutor ia à frente do grupo que se encontra com as outras pessoas na saída após a última etapa que foi a caminhada.

Ao vivenciar a quietude perdi a noção do tempo. O toque do corpo nos materiais de madeira, a energia dos cristais, a arquitetura arrojada fizeram-me experimentar diversas sensações e foi um aflorar de lembranças e sentimentos. O compartilhamento do espaço com as pessoas, o silêncio total trouxeram-me o tempo

todo para o presente e senti-me livre, observando todos os detalhes dos objetos e do ambiente, registrando todas as sensações e imagens na memória. A conexão comigo mesma foi impressionante. A concentração no presente, a ruptura com o cotidiano, o esvaziamento da mente trouxeram sensações novas e outras esquecidas. O contato com os cristais pareceu remeter-me a uma comunhão com a natureza. Fez-me perceber a importância da simplicidade. Viver o presente pressupõe aprendizado. Aprender traz conquistas e sofrimentos. Esse mergulho na busca do equilíbrio, essa possibilidade de inteirar-me de mim mesma levou-me a tomar consciência de que para mim isso é novo e ousado.

Ao término da ação, retirando o fone de ouvido tive clareza em relação ao fato de estarmos permanentemente expostos aos inúmeros ruídos do cotidiano que nos afastam de nós mesmos. Para quem passa o dia correndo em busca dos horários do metrô, do ônibus, e dos inúmeros compromissos, dedicar um tempo a si mesmo é um grande exercício de concentração e a execução dessa proposta não é fácil.

Quando passei para o auditório onde conheceria a artista em sua apresentação ao público que era convidado a dar depoimentos sobre a participação, observei que algumas pessoas tiveram percepções diferentes das minhas e outras parecidas. Algumas falaram da disposição dos móveis, dos tamanhos dos cristais, da dificuldade de manter-se na posição recomendada, do tempo de duração que as deixou com fome por ser longo, da dificuldade de comunicação e principalmente do magnetismo sensorial. Achei interessante a fala de uma jovem mulher que disse ter se apresentado duas vezes para o método. O contato com os cristais fez com que ela melhorasse de uma febre que a incomodava. Para ela os cristais fizeram uma cura quando sua mente ficou vazia. Todas as pessoas que falaram demonstraram gratidão e falaram desse sentimento.

Carismática e espontânea a artista traz para o campo das artes a crença, a espiritualidade, a transcendência. Em resposta aos diversos questionamentos apresentados como ter poderes telepáticos e poder ver a aura das pessoas a artista responde que todos nós temos, mas como estamos aprisionados, não temos tempo para nos devotar à mente. Disse que ela apenas dá às pessoas ferramentas para que se encontrem.

Segundo o filósofo e crítico de arte americano Arthur C. Danto (1924-2013) a performance resgata o horror das representações barrocas da agonia (Revista VEJA, 4/3/2015, p.98). Por meio dessa metáfora pode-se compreender a evolução de sua obra que foi do radical ao transcendental e isso está em sintonia com os tempos atuais o que se faz perceber pela receptividade do público e pelo misticismo de suas obras mais recentes. Sobre a alusão a uma mudança de foco ela responde que “nada é mais radical do que extrair arte do nada”(Revista VEJA, 4/3/2015, p.99)

Na definição de Danto para o jornal The New York Times Marina Abramovic e o MoMa trouxeram a magia de volta à arte, referindo-se à obra A Artista está Presente, apresentada em 2010, no Museum of Modern Art (MoMA), Nova Iorque, com a participação do espectador em todos os momentos da ação. A artista realizou uma performance em que ficou sentada em uma cadeira imóvel e em silêncio, convidan-

do os visitantes a sentarem-se à sua frente e a manter contato visual, sem limite de tempo. “Normalmente o público é sempre visto como um grupo, nunca como indivíduos, mas eu criei uma situação individual, de um para um.” (Documentário A Show of Force, 2012).

A obra do MoMa trouxe a arte da performance para o museu e também marca o momento de transição da obra de Marina Abramovic para o presente, do espiritual para o campo da arte. Considerando os estados de consciência explora as relações entre o performer e o público e os limites físicos do corpo, deixando as pessoas livres para experiências mais introspectivas, de autoconhecimento.

Ser, estar presente e encontrar-se são desafios propostos pelo método da artista performer para o imenso público que passa pelas suas exposições.

REFERÊNCIAS

- A sérvia Marina Abramovic exhibe sua obra em São Paulo, Revista Veja, Editora Abril, SP, edição 2415, Ano 48, nº 9, 4/03/2015, disponível em <http://clubedownload.info/baixar/revista-veja-ed-2415-04-03-2015>, acesso em 09.09.15.
- AKERS, M. Documentário A Show of Force, 2012, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bNIGSFmilTc>, acesso em 11.08.15.
- BIESENBACH, K. Marina Abramovic: The Artist is Present. Editora New York MoMa The Museum of Modern Art, 2010.
- COHEN, R. A Performance como Linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DANTO, A. Sitting whit Marina, Artigo para o jornal The New York Times, disponível em http://opinionator.blogs.nytimes.com/2010/05/23/sitting-with-marina/?_r=0, acesso em 10.08.15.
- Frases e Pensamentos de Simone de Beauvoir, disponível em <http://kdfrases.com/autor/simone-de-beauvoir>, acesso em 08.09.15.
- MING, L. Marina Abramovic, Performance, Cristais e Pão de Queijo <http://vejasp.abril.com.br/atracao/terra-comunal-marina-abramovic-mai/>, acesso em 14.09.15.
- O Método Abramovic, disponível em <http://guia.uol.com.br/saopaulo/exposicoes/noticias/2015/04/10/>, acesso em 06.09.15
- Terra Comunal, Marina Abramovic + MAI, disponível em <http://terracomunal.sescsp.org.br/mai/oito-performances>, acesso em 13.09.2015.
- WESTCOTT, J. Quando Marina Abramovic morrer: uma biografia. Edições SESC, São Paulo, 2015.

Programa de Rádio Soy Loco Por Ti

Resumo e Contextualização

O programa de Rádio Soy Loco Por Ti, projeto de extensão que realiza um programa semanal pela Rádio Universitária nasceu no ano 2014, atualmente conta com mais de 60 programas realizados ao vivo. Surgiu como proposta de estudantes e formados da UFES que são de outros países do continente ou que, sendo brasileiros, tiveram uma vivência intensa pela América Latina. Sua ideia inicial é promover a cultura e debates muito conhecidos e frutíferos no continente contribuindo ao processo de desenvolvimento de conhecimentos sobre diversos tópicos e temas sócio históricos, manifestações culturais e artísticas de identidade latino-Americana.

Ações propostas

O “Soy Loco Por Ti”, propõe a ideia de conhecimento e integração latino-Americana¹ que vem sendo um tema cada vez mais discutido tanto no âmbito acadêmico, governamental, empresarial como na sociedade civil e suas organizações sociais. Apesar do protagonismo político e econômico do Brasil no continente, o conhecimento dos brasileiros sobre os países vizinhos é muito pequeno. A América Latina é composta por distintas culturas, línguas, povos e países que atualmente buscam uma unidade que tenha como base sua própria diversidade.

O conteúdo preparado pela equipe cada 8 dias, procura manter e difundir essa diversidade cultural a cada programa que produz, projetando as diferentes expressões artísticas, culturais e tradicionais da América Latina a través de sua música. E por outro lado em uma dinâmica de investigação constante o programa propõe informar e dar a conhecer a história política e cultural, os saberes populares e ancestrais e as manifestações culturais, fatos históricos e personagens que sejam diferenciados da uniformidade dos grandes veículos da informação de forma interdisciplinar desde o conhecimento e as capacidades de seus integrantes. O projeto tem como meta apresentar mediante a inclusão de conteúdos em línguas faladas na América Latina como: espanhol, português, quéchua, aimará, guarani, mapudungun e crioulo, entre outros.

Dessa maneira trabalha para vincular o ambiente universitário, a população capixaba e a comunidade brasileira, em um espaço de formação contínua, debate e identidade latinoAmericana. Baseado em um formato dinâmico e agradável para o ouvinte, o programa alia uma parte de caráter informativo, interpretativo e de opinião com temas musicais relacionados aos tópicos abordados. Visa que os ouvintes estejam mais perto das diferentes expressões da identidade latino-Americana e participem ativamente com perguntas, dúvidas, motivações e sugestões, através das redes sociais.

Outro objetivo importante do programa é informar à comunidade universitária sobre acadêmicos e culturais que se realizam no campus e na cidade de Vitória, A inclusão de grupos sociais é visada mediante a abrangência da programação, por meio de entrevistas, saudações, informação sobre eventos e relatoria de atividades. O conhecimento adquirido em cada programa, é transmitido de várias formas, por meio do uso de ferramentas tecnológicas, o que permite um processo de aprendizado e acompanhamento por parte do ouvinte.

Assim, o presente projeto de extensão, busca ser um espaço de encontro de alunos, especialmente os latino-Americanos, brasileiros e estrangeiros, que fazem parte da comunidade universitária da UFES.

Ações realizadas: Interdisciplinaridade, Impacto social e na formação do estudante;

É um programa que surge desde um coletivo interdisciplinar e intercultural, composto por estudantes brasileiros e colombianos de graduação e pós-graduação, formados em diferentes disciplinas como antropologia, audiovisual, comunicação social, engenharia elétrica e história; além de buscar integrar outros grupos sociais dentro e fora da comunidade universitária como estudantes estrangeiros, pesquisadores acadêmicos e líderes sociais.

O programa dessa maneira trabalha para vincular o ambiente universitário, a população Espírito Santense e a comunidade internacional, em um espaço de contínua formação, debate e identidade latino-Americana. Buscando um formato dinâmico e agradável para o ouvinte, o programa alia uma parte de caráter informativo, interpretativo e de opinião com temas musicais relacionados aos tópicos abordados.

Produção e/ou difusão de novos conhecimentos ou novas tecnologias.

O espaço da Rádio Universitária é ao mesmo tempo uma oportunidade e uma estratégia. Por ter uma programação mais aberta à experimentação, à análise e sem uma programação estritamente vinculada ao mercado, se converte em um dos poucos espaços no Espírito Santo que poderiam abrir espaço para este tipo de interação que se acerca do conceito de “glocal” (nesse caso, desde o local se trabalha temas de abrangência internacional, no caso, latino-Americana).

A utilização de redes sociais permite que participem ativamente pessoas tanto ao interior de Brasil como residentes por todo o mundo, toda vez que a reprodução via streaming da Rádio Universitária elimina as barreiras da transmissão radial

¹ Desiderá Walter Antonio; Alves Teixeira Neto Rodrigo. (Organizadores) Perspectivas para la Integración de la América Latina. Banco de Desarrollo de América Latina. Instituto de investigación económica. Brasília, 2012

por modulação, além da interatividade entre o programa ao vivo e os conteúdos publicados enquanto as músicas estão tocando. Além de se manter um registro de todos os programas utilizando ferramentas de organização e distribuição de informação. Assim todos os integrantes da equipe, de forma colaborativa, eficaz e inclusiva, buscam que os sons da América-latina sejam ouvidos.

A seleção musical dos programas é participativa, permitindo que uma vez por mês os ouvintes realizem uma votação no Facebook do Soy Loco Por Ti, e dessa forma incluir não somente as sugestões mas também os temas mais pedidos pela comunidade. No final de cada programa é sempre anunciado o tema do seguinte programa, permitindo que os ouvintes do Espírito Santo ou de outros estados e países enviem suas sugestões de dicas de viagens, gastronomia, música, livros e documentários entre outros. O programa não tem fronteiras. Apesar de ter produção local, pode ser construído com participação de pessoas de todo o mundo e escutado por estas pessoas por meio da transmissão gratuita comunitária e online.

Outro fato importante, é a contínua formação pela qual a equipe passa, a cada 8 dias, construindo novas formas de aprendizado e de divulgação, escolhendo a melhor imagem para anunciar cada programa, a imagem que melhor representa um artista, enfrentando os desafios sociais e tecnológicos e também entendendo as dinâmicas e responsabilidades que levam a fazer parte de uma Rádio Universitária.

Alcance e projeção

O Soy Loco Por Ti é transmitido ao vivo nas segundas-feiras de 11h ao meio-dia e posteriormente disponibilizado para escutar na internet. O programa é transmitido ao vivo pela Rádio Universitária, com alcance na Grande Vitória via rádio. Além disso, pela internet o programa alcança cerca de 1.400 pessoas em seu site no Facebook e 450 pessoas no grupo de ouvintes na mesma rede social.

O Soy Loco Por Ti, se converteu em mais que um programa de rádio, é um coletivo que nasceu de uma experiência crítica e social da integração das realidades sociais e culturais do Brasil com a América Latina. Desde seu início tem sido um processo contínuo de criação de espaços de participação social e cultural de diferentes atores que compõem a comunidade universitária. Alunos, professores, pesquisadores acadêmicos, líderes sociais, têm no Soy Loco Por Ti, um espaço para visibilizar, participar e para compartilhar suas ideias e produções ao redor da integração latino-americana, projetando o ouvinte sobre o conhecimento de outras realidades históricas, acadêmicas e culturais, de grupos, movimentos e organizações sociais.

Em outro sentido o programa não só se remete à difusão de eventos senão que participa ativamente em sua organização e consecução dos mesmos. São organizados eventos acadêmicos, culturais e sociais como: o primeiro sarau Latino Americano José Martí, com presença de cerca de 20 pessoas do Brasil, Colômbia, Equador e Porto Rico, trazendo poesias próprias e de grandes escritores da América-latina, além de música do continente.

Este tipo de atividades permitem ocupar espaços que geralmente encontram-se esquecidos ou que não são conhecidos, no caso, o busto do pensador, escritor,

periodista, filósofo e poeta cubano José Martí localizado entre o Centro de Ciências Humanas e Naturais, reconhecendo diferentes espaços de integração social e cultural do Brasil e diversos grupos sociais no continente latino-Americano, utilizando o espaço universitário como centro propulsor da interculturalidade e da amizade entre os povos no Espírito Santo e além dele.

O produto desta coletividade são os conteúdos, as falas, as músicas, as imagens, mas sobre tudo a resposta e iteração dos ouvintes, eles que são o motivo para nessa Rádio Universitária ter o único programa de música latino-Americana, cheia de experiências, instrumentos e ritmos diferentes, sotaques e línguas características de todas e todos os integrantes.

Com esta linha que orienta o projeto, os integrantes do Soy Loco Por Ti compartilham todas as segundas-feiras suas vivências como moradores e lutadores dessa terra cheia de contrastes e sabores diferentes, esperando aumentar cada vez mais o sentimento de irmandade e mostrando que uma América latina sem fronteiras é possível.

O fortalecimento da integração exige de diferentes formas de participação, que permita a discussão sobre as dinâmicas e tendências no nosso continente²², que aumente a apropriação social da arte, a memória histórica e as tradições latino-Americanas.

²² Bruckmann Monica (UFRJ). La unidad latinoamericana como proyecto histórico. Revista América Latina en movimiento: Cuestiones de fondo, edición especial 500. Diciembre, 2014.

PROJETO COISAS QUE SE PASSAM SOBRE A PELE DA CIDADE: CLÍNICA URBANA E POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO

Autores: Ana Paula Gonçalves e Werley Fagundes Pio dos Santos
Coautores: Alana Simões; Daniellen Brandão; Fabrício Pinto; Haroldo Lima; Jessica Macedo; Laura Rosenbaum; Leila Machado (coordenadora); Livia Andrade; Louis Wentz; Mariana Nascimento; Nunah Son; Priscila de Oliveira; Rafael de Angeli; Thairo Pandolfi; Victoria Bragatto; Victor Pacheco.

O projeto “Coisas que se passam sobre a pele da cidade: clínica urbana e políticas de subjetivação” é uma das dimensões de trabalho do grupo de pesquisa Laboratório de Imagens da Subjetividade (LIS/CNPq). Pelas atividades dessa proposta de extensão, lidamos com políticas de subjetivação contemporâneas a partir de interferências no espaço urbano. O projeto, articulando-se à área de saúde e tendo, como área afim, a área de cultura, congrega alunos graduandos em Psicologia, Artes Plásticas, Arquitetura e Urbanismo e Ciências Sociais, além de pós-graduandos do Programa de Psicologia Institucional (UFES), do Programa de Psicologia Clínica (PUC-SP), pesquisadores e colaboradores externos. A diversidade de participantes contribui para que as atividades de pesquisa e extensão, ligadas ao LIS, transbordem ao campo do ensino. Essas atividades articulam-se, por exemplo, a disciplinas e demais discussões do curso de Psicologia, contribuindo para formação discente mais integrada.

O projeto, assim, se compromete com a produção, a partir de intervenções e linguagens diversas, de práticas clínicas no espaço urbano, voltadas para a consolidação de uma Clínica Ampliada – diretriz proposta pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2009). Nessa perspectiva, pensamos uma clínica que prescinde da restauração de estados anteriores ao sintoma, mas que promove a transformação de formas de vida; uma clínica que se constitui nos atravessamentos políticos, institucionais, culturais, históricos, desejantes e sociais, não delimitada por enquadramentos convencionais, modelo ambulatorial ou concepção de setting terapêutico; mas uma clínica em campo, com o espaço urbano, visando promover, a partir de dispositivos, encontros e interferências, outras formas de visibilidade e dizibilidade (DELEUZE, 1990). Entendemos que ao campo da saúde é precioso contribuir para a emergência de outras formas de viver o cotidiano, o trabalho, o casamento, o amor, a amizade, a política, a comunidade e a família.

Esse é um trabalho que não se dá sem a sua destacada dimensão transdisciplinar, que acolhe a conexão com outros saberes e linguagens, prezando pela interface, pela mistura, pela hibridização do campo da psicologia, fazendo contato, por exemplo,

com a filosofia, a história oral, a literatura, o cinema, as artes plásticas, a fotografia, a música, a dança, o teatro, a etnografia e o urbanismo, na medida em que esses saberes são também dispositivos capazes de fazer vibrar o campo da saúde e propor novas linhas de pensamento. Com essas bases, o projeto propõe à comunidade um trabalho clínico fora dos espaços fechados: uma clínica a céu aberto, tendo como plano de efetuação o espaço urbano, o corpo da cidade e as produções subjetivas que se emaranham, lançando mão de interferências urbanas.

Interferir no espaço urbano significa buscar modificações, dar passagem a outros modos de existir, entender os processos de permanência de formas de vida, criar e executar ações ou dispositivos de encontro na cidade. É imanente a esse propósito e parte do trabalho atentar-se às forças de produção subjetivas contemporâneas. Até esse momento, contamos como aliados os pensamentos de Deleuze, Guattari, Nietzsche, Foucault, Rolnik, Pelbart, Maturana e Varela, entre outros. Parcerias que nos movimentam a pensar questões como: os processos de captura da produção desejante pelo mercado e pelo capital (DELEUZE E GUATTARI, 1972); a aceleração da dinâmica urbana, o acúmulo de tarefas, as tecnologias de controle e gestão da vida que se dão, cada vez mais, através e pelo tempo (DELEUZE, 1992); os adoecimentos e imobilismos das políticas de ansiedade e depressão dos corpos, tal como da produção de vidas ressentidas; a medicalização da vida e a patologização das condutas no tempo de capilarização dos transtornos (ROLNIK, 1997); o movimento das vidas em função dos ideais de meritocracia, estética, sucesso, soberania e bem estar (ROLNIK, 2002); o padecimento, o adoecimento e a mortificação da existência por políticas de controle que operam anestesiando o plano das sensações-afeto, inibindo vidas de serem ativas (PELBART, 2003).

Nessa trama, contamos com analisadores dos processos de subjetivação em curso – provocados e percebidos com a feitura do campo no espaço urbano e com supervisões, articulações teóricas e registros. Tendo que as atividades e sua dimensão clínica se dão atravessadas por um exercício de escuta, concebemos que as interferências, ações e dispositivos que promovemos compõem uma clínica que conta com uma aposta, pautada em princípios éticos, estéticos e políticos de expansão da vida (LAVRADOR E MACHADO, 2009), rompendo no que ela se mostre capturada, adoecida, amesquinhada pelas políticas de controle. Nesse intuito, compartilhamos parte de nosso processo de trabalho, produções e, especialmente, ações e interferências urbanas que compuseram e compõem as atividades do projeto.

Realizamos, nos últimos dois anos, atividades como: escrita e publicação de textos¹; o HackLab Lis, evento congregando discussões e participantes de outras Universidades brasileiras acerca de temáticas relativas ao espaço urbano; ação Escutatória, promovendo um dispositivo de escuta na cidade; a ação Cart(ã)ografias, que consistiu em, de madrugada, espalhar, num bairro de Vitória, cartões que continham frases, trechos, poemas e músicas, fazendo circular escritos disparadores de outras formas de estar na cidade; a produção de material audiovisual e a exibição pública no Cine Rua 7², ocorrido no ano de 2014; a participação em eventos, como o Corpocidade, na Universidade Federal da Bahia, e o Mapeando o Comum, na pró-

¹Contos escritos como registro de campo e artigos publicados: SANTOS, J. J. G.; MACHADO, L. A. D. Ensaio sobre um tecido que dizia não. *Verve (PUCSP)*, v. 26, p. 110-22, 2014; MACHADO, L. A. D.; ALMEIDA, L. P. de; SANTOS, J. J. G. Sobre fazer ver uma vida. *Revista Polis e Psique*, v. 3, p. 26-44, 2013.
²Disponível no Youtube no link: <https://youtube.com/watch?v=gLwxSq5mKKY>.

pria Universidade Federal do Espírito Santo; a ação Catraieiros, que está em vias de desenvolvimento, investigando as relações que os catraieiros do Centro de Vitória tecem com o mar e a dinâmica urbana.

Nesse sentido, destacamos, com maior detalhamento, outra dessas ações, que aconteceu entre o período de 2014 e 2015: a ação BalançaÉ, uma ação chave para elucidarmos o processo de criação dos dispositivos de intervenção em meio à cidade, suas repercussões na escuta e na problematização dos modos de vida contemporâneos. O motivador dessa ação foi a criação de um dispositivo que pudesse atuar como disruptivo às vidas adoecidas e, com isso, potencializar para a invenção de outros modos de vida. Nessa ação, o balanço surge como esse dispositivo, intervindo na aceleração do modo de vida contemporâneo; criando possibilidades de conversa, escuta e ralentamentos.

Para nortear a ação, escolhemos o mapa municipal de territórios da saúde, que divide a cidade em nove distritos. Dividimo-nos em duplas responsáveis cada uma por um desses territórios. Nosso objetivo era de conhecer essas áreas, tendo alguns pontos disparadores para habitar a cidade, destacadamente: a procura de espaços públicos com árvores possíveis de acolher um balanço, sem trazer perigo para seu entorno e em acordo com as diretrizes de mobiliário urbano estabelecidas pela Prefeitura de Vitória; a pesquisa da ocupação desses espaços, preferindo lugares movimentados onde o balanço funcionasse como dispositivo de encontros; e a conversa com moradores e transeuntes do entorno, para saber como o balanço seria acolhido, desejado e o que faria movimentar.

Junto dessa cartografia, continuamos outras atividades: a preparação das madeiras, a pintura e envernizamento, a definição e ordenação dos locais que receberiam os balanços, sua colocação³, e, após esta, o acompanhamento de desdobramentos. Pudemos, assim, destacar o balanço também como um dispositivo de escuta, possibilitando coletar histórias, experiências, fazendo-nos perceber relações com o balanço que compunham nossos temas de pesquisa. As dimensões da ação foram registradas pelos participantes do grupo em cadernos de campo, textos, e por meio de fotografias e filmagens, fazendo parte dos materiais e acervo do LIS⁴. Ressaltamos que os membros do LIS participaram de todo o processo; com isso, dispomos coletivamente de uma troca ativa e produção de novos saberes. Ao longo do processo, desenvolvemos uma tecnologia quanto ao formato dos nós e à forma de amarrar a corda nos galhos das árvores.

Consideramos que a ação BalançaÉ tocou em frentes importantes para o nosso trabalho. Primeiramente, no plano das subjetivações, a experiência do lúdico, que propõe, no encontro com o balanço e no balançar, uma demora, uma outra maneira de experimentação da cidade, que não aquela das passagens rápidas e fugazes e do mero cumprimento de tarefas. No plano ambiental, colocou-se em foco a discussão da arborização da cidade, o modo como as árvores são podadas, mantidas e cortadas; também pudemos destacar a urgente necessidade de preservação ambiental e sua relação imediata com os modos de subjetivação contemporâneos. Por fim, indissociavelmente, no plano social, propomos pensar sobre a perspectiva urbana,

dirigindo outro olhar aos lugares pelos quais passamos e os quais habitamos: qual o sentido das cidades que se desenham? A quem se destinam esses lugares? Se, por um lado, o processo de cartografia e acompanhamento do balanço torna perceptível uma série de processos políticos urbanos – desde quais espaços podem ou não ser ocupados à poda das árvores –, por outro, o balanço pode dar passagem a outras formas de vida, abertura de uma perspectiva diferente do espaço urbano, sendo uma máquina de fazer ver e falar outra cidade e, portanto, um dispositivo ativo inserido nos mesmos processos que elucida.

Temos que o projeto “Coisas que se passam sobre a pele da cidade” é de grande impacto, nos estudantes que dele participam e nas pessoas que entram em contato com as atividades propostas. Aos estudantes, o projeto é possibilidade de prática e pesquisa em temáticas presentes e relevantes, trabalhadas no grupo em transdisciplinaridade, enriquecendo as discussões. À sociedade, as ações propõem um reencontro com o brincar, a lentificação do cotidiano, a permanência nos espaços públicos, a escuta, o contato, a conversa, a problematização do urbano, os encontros com a dimensão artística e cultural, ou seja, a produção de novas formas de existir, que identificamos com produção de saúde.

A proposta de estudar a cidade não se faz distante da própria cidade. Não falamos aqui de uma cidade ideal, mas desta cidade mesma na qual trabalhamos, estudamos, vivemos, em que circulam histórias menores, que se imbricam, e que dizem de uma trama pública e política. O trabalho em campo ressalta o encontro da Universidade com o que se passa de fato no espaço urbano: seus encontros, problemas, cotidiano, histórias, mecanismos de controle e as vidas que deles escapam e se inventam. Qualificamos, assim, uma interação entre o saber acadêmico e o popular, que se aproximam e se constroem, destituindo o lugar de verdade unívoca. O projeto também permite uma experimentação em campo dos princípios norteadores da Clínica Ampliada, tal como proposta pelo Ministério da Saúde, contribuindo em firmar a indissociabilidade entre as dimensões política, social, histórica, urbana e as experiências subjetivas, as práticas clínicas e a edificação de um sistema de saúde pública.

REFERÊNCIAS:

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. Clínica ampliada e compartilhada. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre sociedades de controle. In: Conversações. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226. _____, Gilles. ¿Que és um dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. 1972.
- LAVRADOR, Maria C. C.; MACHADO, Leila D. Por uma clínica da expansão da vida. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.13, supl.1, p.515-21, 2009.
- PELBART, P. P. Vida Capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003. p.145-150. ROLNIK, Suely. A vida na berlinda. Revista Trópico, 2002. Disponível em: <http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/1338,1.shl>. Acesso em 12/09/2015.
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. Cultura e subjetividade: saberes nômades. Campinas: Papyrus, p. 19-24, 1997.

³Sobre a colocação de um dos balanços, assistir: <https://youtube.com/watch?v=07jn8KpMtgE>.

⁴Acesso à página no Flickr: <https://flickr.com/photos/97141975@N06>.